

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Beatrice Graciella Azevedo Motta de Oliveira

A LINGUAGEM EM PARANHOS: Aspectos Sociolinguísticos

**TRÊS LAGOAS (MS)
2009**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

Beatrice Graciella Azevedo Motta de Oliveira

A LINGUAGEM EM PARANHOS: Aspectos Sociolinguísticos

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas – Área de concentração: Estudos Lingüísticos, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em letras.

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

**TRÊS LAGOAS (MS)
2009**

Oliveira, Beatrice Graciella Azevedo Motta de.
A linguagem em paranhos: aspectos sociolinguísticos /
Beatrice Graciella Azevedo Motta de Oliveira.-Três Lagoas,
2009.

122. : il., 30cm.

Orientador: Dercir Pedro de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas

Área de concentração: Estudos linguísticos

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Variação Linguística.
I.Oliveira, Dercir Pedro. II. Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul. III. Título.

CDD – 401

CDU – 800.86

A minha avó *Maria Luiza* que me incentivou desde o primeiro momento e não deixou as coisas desandarem; pelo *incentivo, compreensão e carinho* e, principalmente por ter acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

À Deus por sempre me dar força e luz para seguir em frente, mesmo nos momentos obscuros de insegurança e medo.

À Prefeitura Municipal de Curitiba por ter me concedido o afastamento necessário para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, por me orientar, me cobrar, me ensinar e me mostrar o caminho a seguir para a concretização desse trabalho.

À PROPP pelo apoio financeiro concedido, especialmente na fase da saída de campo.

Ao Programa de Mestrado em Letras da UFMS, na figura do Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira pela oportunidade de aprimorar meus conhecimentos.

A CAPES pela concessão da bolsa.

À PLANSAT pelos serviços prestados, gráficos, tabelas e mapas.

Aos todos os professores do Mestrado em Letras – UFMS, em especial, Rogério Vicente Ferreira, que além dos conhecimentos acadêmicos, me ensinou a ser alguém diferente e a aumentar ainda mais minha paixão pela língua.

À minha mãe por ter caminhado ao meu lado, mesmo que virtualmente. Por suportar minhas tristezas, lamentações e frustrações e pelo seu amor incondicional e verdadeiro!

Ao meu pai por ter tido paciência e carinho ao longo desse tempo e ter me incentivado sempre a continuar lutando.

À minha irmã por estar sempre presente na minha vida, facilitando a minha caminhada com seu jeito incrível.

Ao meu tio Wallace de Oliveira por ter me dado a oportunidade de estar aqui, por ter me recebido como filha, ter me proporcionado momentos familiares únicos e por me oferecer condições necessárias para a conclusão desse trabalho, além de ter me mostrado uma nova visão da vida.

À minha tia Célia Maria da Silva Oliveira pelo carinho, atenção e bom humor, dedicados a mim nesse período.

À minha família em geral, pela credibilidade, apoio, incentivo e amor.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, nos momentos bons e ruins, fazendo meus dias serem mais leves e felizes.

À Francielle Gonçalves por ser o que é. Por sua calma, sinceridade, tranquilidade, amizade e amor. Por estar ao meu lado sempre, me dando força, tornando meus dias mais felizes e iluminados.

Ao Cesar Cardoso Ferreira por ter me recebido calorosamente e ser meu amigo sempre.

Ao Hermiliano Felipe Decco por me aguentar. Por estar ao meu lado independente da ocasião, pela paciência, carinho e atenção nesse período e sempre.

À Ana Carolina Fresqui por me dar a oportunidade de provar a mim mesma que as pessoas também mudam.

À Caroline Moço Erba por dividir comigo esses momentos.

Aos meus colegas de universidade por me ajudarem sempre, tirarem minhas dúvidas, me tirarem do desespero e até me ensinarem o que ainda não havia aprendido, em especial, Adriana Viana Postigo.

À Fabiana Portela de Lima por me ajudar em todos os momentos da construção dessa dissertação, em especial na coleta de dados.

À Maria Madalena Lebrão por me ajudar a transcrever e codificar os dados, especialmente, na rodagem do programa Varbrul.

A todos que direta e indiretamente auxiliaram na realização deste trabalho e apoiaram-me em diversos momentos, a todos que trouxeram importantes lições a minha vida, aos colegas, professores, acadêmicos e funcionários da UFMS, todos fizeram parte desta conquista.

Obrigada!

Resumo

Este estudo apresenta uma caracterização da fala, de 16 informantes estratificados em sexo (mulher, homem), faixa etária (até 35 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (escolarizados e com instrução rudimentar), moradores de Paranhos, MS. Nessa pesquisa evidenciaram-se dois aspectos da linguagem, o fonético-fonológico e o semântico-lexical. Parte-se da hipótese de que, tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos influenciam ou condicionam as ocorrências linguísticas. Os dados foram obtidos a partir de questionários que direcionaram as entrevistas *in locu*, que foram, posteriormente, transcritas foneticamente e codificadas para serem rodadas no programa Goldvarb 2001. Para a interpretação dos dados, utilizou-se a metodologia da teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1962). Em seguida, os dados foram descritos e interpretados quantitativamente, apresentando a correlação existente entre as variantes dos grupos investigados. Foram descritos lexicalmente alguns vocábulos próprios da fala da comunidade de Paranhos. Os resultados obtidos nessa investigação variacionista revelaram que, quanto ao aspecto fonético fonológico, os fatores linguísticos foram mais relevantes para a variação linguística que os extralinguísticos. No aspecto semântico lexical, a variável escolaridade teve destaque, torna-se representativa para a identificação do aspecto variacional no município de Paranhos.

Palavras chave: Linguagem; Sociolinguística e Variação linguística.

Abstract

This study presents a characterization of speech, from 16 informants stratified by gender (female, male), age (up to 35 years and more than 50 years) and education (school and elementary education), residents of Paranhos, MS. In this research are two aspects of language, the phonetic phonological and lexical semantic. It is the hypothesis that both the linguistic factors as the extralinguistic influence or determine the condition linguistics. Data were collected from questionnaires that directed the interviews in locu, which were then, phonetically transcribed and coded to be bedded in the program Goldvarb 2001. To these interpretations, we used the methodology of the theory of linguistics and Variation Change (Labov, 1962). Then the data were analyzed quantitatively, showing the correlation between the variations of the groups investigated. Were described some lexical's own words speak for the community Paranhos. The results showed that variations in research on the phonetic phonological aspect, linguistic factors were more relevant to the influence of conditioning or linguistic variation of the factors that extralinguistic. Meanwhile, the lexical semantic point, the variable age was highlighted for such influence.

Key words: Language; Sociolinguistics and Change linguistics.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Perfil do informantes	43
TABELA 2	Distribuição dos fatores fonéticos (F - Alçamento, G - elisão, O – vocalização, R - rotacismo e T - monotongação) de acordo com a variável dependente.....	48
TABELA 3	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “sexo”.....	52
TABELA 4	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “faixa etária”.....	53
TABELA 5	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “escolaridade”.....	54
TABELA 6	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “sexo”.....	57
TABELA 7	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “faixa etária”.....	58
TABELA 8	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “escolaridade”.....	59
TABELA 9	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “sexo”.....	62
TABELA 10	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “faixa etária”.....	63
TABELA 11	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “escolaridade”.....	64
TABELA 12	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “sexo”.....	66
TABELA 13	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “faixa etária”.....	67
TABELA 14	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “escolaridade”.....	68
TABELA 15	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “sexo”.....	71
TABELA 16	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “faixa etária”.....	72
TABELA 17	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “escolaridade”.....	73
TABELA 18	Distribuição dos campos semânticos de acordo com a variável dependente.....	82
TABELA 19	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “sexo”.....	83
TABELA 20	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “faixa etária”.....	84
TABELA 21	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “escolaridade”.....	85

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Exemplificação do processo de alçamento das pretônicas [e] e [o].....	51
QUADRO 2	Exemplificação da vocalização do //.....	56
QUADRO 3	Exemplificação de alguns fenômenos de monotongação.....	61
QUADRO 4	Exemplificação do processo de rotacismo em Paranhos.....	66
QUADRO 5	Exemplificação do processo de elisão.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Distribuição das ocorrências regulares em relação as de desvio.....	48
GRÁFICO 2	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “sexo”.....	53
GRÁFICO 3	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “faixa etária”.....	54
GRÁFICO 4	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “escolaridade”.....	55
GRÁFICO 5	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “sexo”.....	57
GRÁFICO 6	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “faixa etária”.....	59
GRÁFICO 7	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “escolaridade”.....	60
GRÁFICO 8	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “sexo”.....	63
GRÁFICO 9	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “faixa etária”.....	64
GRÁFICO 10	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “escolaridade”.....	65
GRÁFICO 11	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “sexo”.....	67
GRÁFICO 12	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “faixa etária”.....	68
GRÁFICO 13	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “escolaridade”.....	69
GRÁFICO 14	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “sexo”.....	72
GRÁFICO 15	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “faixa etária”.....	73
GRÁFICO 16	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “escolaridade”.....	74
GRÁFICO 17	Distribuição variacional fonético-fonológica – Level.....	76
GRÁFICO 18	Distribuição dos campos semânticos de acordo com a variável dependente.....	83
GRÁFICO 19	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “sexo”.....	84
GRÁFICO 20	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “faixa etária”.....	85
GRÁFICO 21	Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “escolaridade”.....	86
GRÁFICO 22	Distribuição variacional semântica-lexical – Level.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	17
1.1 Caracterização do Estado do Mato Grosso	17
1.2 Caracterização de Mato Grosso do Sul	20
1.3. Caraterização do município	26
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 A proposta de William Labov	41
3.2 Questionários	42
3.3 A coleta de dados	43
3.4 Informantes	44
4. DISCUSSÃO DOS DADOS	47
4.1 Análise dos fenômenos fonético-fonológicos da fala da comunidade de Paranhos	47
4.1.1 O envelope da variação	48
4.1.2 Interpretação	50
4.1.3 Alçamento das Pretônicas [e] e [o]:	52
4.1.4 Vocalização do [j]	57
4.1.5 Monotongação	62
4.1.6 Rotacismo	67
4.1.7 Elisão	71
4.2 Interpretação dos dados semântico-lexicais na comunidade de Paranhos	80
4.2.1 O léxico	80
4.2.2 O léxico em Paranhos	82
4.2.3 Variáveis	83
4.2.4 Descrição lexical	90
CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS	99

Introdução

A língua e a sociedade estão intimamente ligadas, já que fazem parte do mesmo processo cultural. A língua é o meio de comunicação e relação dos indivíduos com a sociedade. É por meio dela que expressamos desejos, ideias, ambições; que compreendemos o funcionamento social, o comportamento dos indivíduos, sua organização, valores e preferências.

A língua é um elemento cultural próprio de uma sociedade. Como a sociedade, que compreende todos os tipos de pessoas, diferentes entre si, com suas particularidades e singularidades, a língua é heterogênea, varia constantemente, nunca é igual e estagnada. Se assim fosse, não representaria a veracidade social.

Conforme Tarallo (2003, p.19), “a língua falada está totalmente inserida e interligada a sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste”.

Nessa perspectiva, a língua é instrumento social e assim é que deve ser pesquisada. De acordo com Sauer (2004, p.14):

torna-se evidente que cada povo possui uma língua única que traz em sua essência características extremamente peculiares e reveladoras acerca daquela comunidade linguística. A ideia, então, de que cada país possui uma língua falada de forma uniforme é no mínimo ingênua, tendo em vista que as línguas se mesclam, se misturam em um mesmo território, sem obedecer aos limites geográficos de suas fronteiras.

Assim ocorre no Brasil: apesar de ter um único sistema linguístico, apresenta significativas diferenças regionais, que singularizam e particularizam a linguagem do falante ou da região, “dividindo” o país em vários “países”.

Nesta dissertação, estuda-se a variação linguística presente na fala da comunidade de Paranhos - MS, sob dois aspectos, o fonético-fonológico e o semântico-lexical, com o objetivo de descrever e explicar as sequências linguísticas que ocorrem na fala dos habitantes de Paranhos e entender como seu sistema

linguístico oral funciona, bem como apresentar alguns itens do vocabulário utilizado com grande frequência na região.

A sistematização dos fenômenos tanto fonético-fonológicos, como semântico-lexicais é possível devido a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, proposta por Labov (1962), que relaciona os aspectos linguísticos e os aspectos extralinguísticos, representante fiel da sociedade; entre os possíveis, enfatiza-se as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade.

Para obtenção do corpúsculo dessa pesquisa, utilizaram-se momentos de fala espontânea juntamente com questionários retirados do projeto ALMS, Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul, organizado pelo professor Doutor Dercir Pedro de Oliveira, com a finalidade de mapear a fala dos habitantes do Estado, de 16 informantes estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade

Assim, como caracterização da linguagem na comunidade de Paranhos, foram investigados cinco processos fonético-fonológicos¹ com grande porcentagem de variação, são eles: alçamento das pretônicas médias altas [e] e [o]; vocalização do [l]; elisão; monotongação e rotacismo. Tais processos ocorrem pela facilitação da articulação dos sons, embora a fala dos estados do Sul, também exerça certa influência nos falantes da comunidade linguística em questão, bem como os fatores extralinguísticos presentes na análise.

Em contrapartida, no aspecto semântico-lexical, foram analisados 12 campos semânticos presentes no questionário e estudado a variação decorrente de regionalismos ou não. Nos dados, a influência do Paraná e do Rio Grande do Sul é bem presente, já que parte do léxico também é utilizado nesses Estados, por exemplo, o vocábulo “*guri*”, que é característico da região Sul do país e nessa comunidade acaba por substituir a forma Sul-mato-grossense de *menino* e a forma mineira de *moleque*.

Tanto o aspecto fonético-fonológico, quanto o semântico-lexical foram transcritos, codificados e rodados no programa Goldvarb2001. Esse programa apresenta os valores absolutos e relativos da variação e faz o cruzamento dos fatores linguísticos e extralinguísticos, mostrando qual variável foi mais relevante para condicionar tal variação.

¹ Os teóricos dos estudos sociolinguísticos nos orientam para que as investigações científicas partam da teoria para a prática. Assim, entendemos que os fenômenos são estabelecidos anteriormente à coleta de dados.

Esta dissertação é dividida em quatro capítulos: O primeiro capítulo fala sobre a caracterização geográfica e histórica dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do município de Paranhos. Apresenta como tais estados e município surgiram e o contexto em que esse surgimento se deu, com a finalidade de mostrar a situação social, econômica e política da região estudada. O capítulo 2 aborda os fundamentos teóricos pertinentes a essa pesquisa, enfoca especialmente os termos e denominações referentes à sociolinguística. O terceiro capítulo traz os procedimentos metodológicos utilizados na dissertação, o que aconteceu e de que forma. Já o último capítulo fica restringido à discussão dos dados coletados, sob o aspecto fonético-fonológico e semântico-lexical.

O interesse em pesquisar a fala na comunidade de Paranhos deu-se pelo fato do município receber muitos imigrantes desde o tempo em que ainda era distrito do município de Amambá; pela contribuição aos estudos já realizados no estado de Mato Grosso do Sul e pela inexistência de pesquisas realizadas na localidade.

Com o que foi apresentado até o momento justifica-se a importância e relevância desse estudo na comunidade de Paranhos bem como o título *“A linguagem em Paranhos: Aspectos sociolinguísticos”*.

1. CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

1.1 Caracterização do Estado do Mato Grosso

O Brasil foi povoado e colonizado por portugueses sob a forma de capitânicas hereditárias. Além desses, os franceses, ingleses, holandeses e os negros africanos também influenciaram o processo. Com exceção dos negros, que vieram como escravos, todos vinham em busca das riquezas oferecidas pelo país. Nessa perspectiva, a população nativa foi se mesclando tanto com os colonizadores como com os negros africanos. Dessa união, surgiu grande mistura de etnias bem como uma enorme diversidade, tanto cultural como linguística, foco deste estudo. Diante dessa diversidade, é certa a afirmação feita por Ribeiro (1995). Segundo o autor, essa miscigenação culminou com a disseminação desse novo povo por todo o território brasileiro, dando início à construção de vários *brasis*.

O estado de Mato Grosso, também caracterizado por um desses *brasis*, até então desconhecido, foi desbravado através das bandeiras (1680), isto é, invasões de portugueses e seus descendentes à procura de expansão territorial, riquezas e povoamento. As condições geográficas, o clima, a alimentação e o relevo facilitaram a expansão bandeirante, oposta aos índios e negros africanos dos quilombos presentes na região. A disputa da “terra desconhecida” por portugueses e espanhóis já era ativa. De acordo com o Tratado de Tordesilhas (1494), a região pertencia à coroa espanhola, da qual o Paraguai fazia parte. Assim, a maior tentativa de povoação do sul de Mato Grosso, região do Território Federal de Ponta Porã, foi realizada pelos espanhóis paraguaios. Esses tinham a pretensão de criar províncias, uma delas situada na parte limítrofe de Amambaí, região enfocada neste trabalho.

Foi, no entanto, com o ciclo do ouro que o Estado do Mato Grosso teve destaque. A partir da descoberta de ouro nos rios Coxipó e Cuiabá, em 1718, a região recebeu imediatas afluências de pessoas de outros estados, destacando-se os vindos de São Paulo. Somente em 1723 a cidade de Cuiabá foi fundada. Porém grande quantidade de ouro foi extraviada decorrente de ataques indígenas, que resistiram por longo tempo aos cuiabanos invasores. Quando se conseguiu dominá-los, Cuiabá já se encontrava em decadência com o declínio da oferta de ouro. Seus mineradores migraram para a nova região das minas, denominada Goiás e de outras

também descobertas dentro do Estado de Mato Grosso. Essas novas jazidas levaram a criação em 1748, da capitânia de Mato Grosso que em 1889 deu lugar ao Estado do Mato Grosso, posteriormente dividido nos atuais estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Essa divisão decorreu das atividades político administrativas referentes à região sul do Estado. Com o declínio da mineração, o empobrecimento e o isolamento da província de Mato Grosso foram inevitáveis. Algumas atividades agrícolas e mercantis de subsistência sobreviveram apenas nos campos mais férteis do sul. Com isso e com o incentivo aos grandes projetos agropecuários e extrativismo, unidos aos investimentos destinados a infraestrutura, estradas e hidrelétricas, acentua-se uma grande migração para essa região, especialmente das regiões sul e sudeste do Brasil. O país já apresentava certo desenvolvimento e independência econômica; diferente da região norte, em particular Cuiabá, que se mantinha ainda da pecuária extensiva e do latifúndio. Na década de 1950, o leste de Mato Grosso, denominado Bolsão sul-mato-grossense, já tinha sua importância, visto que começava a influenciar politicamente as regiões do leste e do sul do Estado. O governo federal estabeleceu, em 1974, uma legislação básica para a criação dos estados e territórios brasileiros, reacendendo, assim, a campanha pela autonomia do sul-mato-grossense. Com dificuldade de administração e desenvolvimento de uma região tão extensa e diversificada, em 1977 o presidente Ernesto Geisel assinou a Lei Complementar 31, que criou o Estado de Mato Grosso do Sul, em área desmembrada do estado de Mato Grosso. Em 1979, houve a implantação do Estado do Mato Grosso do Sul.

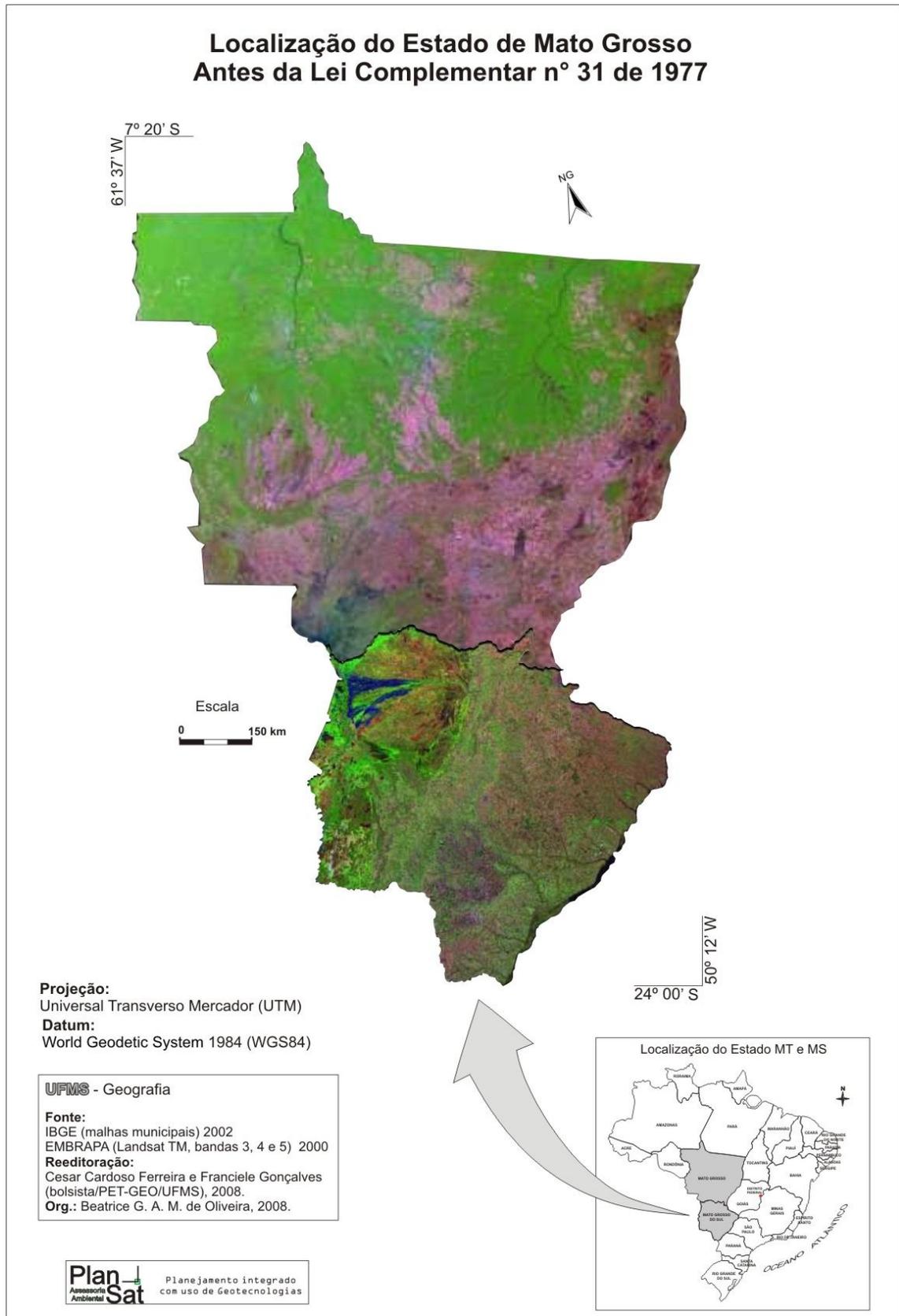


Figura 1: Localização dos estados de MT e MS

1.2 Caracterização de Mato Grosso do Sul

A ocupação do estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se com os primeiros habitantes indígenas, Guaranis, Terenas, Kaiowá e Caiapós, tendo-se, através dos anos, estabelecido novos povos na região, como os Ofaiés.

De acordo com Martins (2002, p.11):

quando os colonizadores europeus chegaram nesta região, nas primeiras décadas do século XVI, encontraram aqui um conjunto de sociedades indígenas, composto por etnias representantes de três dos quatro troncos linguísticos que formam o universo etno-linguístico brasileiro. Eram várias centenas de milhares de índios portadores de sistemas culturais ricamente diferenciados.

A partir do descobrimento da América, muitas pessoas começaram a migrar para essa região, em especial após a riqueza do Império Inca, no Peru, ter se tornado famosa. Em 1510, houve uma tentativa frustrada de chegar a esse império por meio do Rio da Prata. No ano de 1524, Aleixo Garcia, um português sobrevivente da expedição de Sólis, foi o primeiro europeu a pisar em solo sul-mato-grossense, vindo pelo Rio Paraguai, passando por Iguatemi atingiu a região onde hoje está a cidade de Corumbá. Foi morto tempos depois por índios em terras Paraguaias. No entanto outros aventureiros continuavam tentando fazer o percurso através do Rio Paraná, porém não houve registros de sucesso. Outros tantos espanhóis também chegaram até Corumbá pelo Rio Paraguai, entre eles o espanhol Juan Ayolas e seu acompanhante Domingos Martinez de Irala. Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, também por Corumbá passou para seguir para o Peru. Essas viagens enfatizaram a hipótese de que o rio Paraguai foi o mais importante acesso a outros lugares, principalmente ao Peru e Bolívia.

Em 1610, uma missão jesuíta já se dirigia de Assunção no Paraguai ao sul de mato grosso, aldeando as comunidades indígenas do Itatim em território Sul-Mato-Grossense. Essa expedição tinha o apoio da igreja católica e da Espanha, com a finalidade de controlar o tráfego do rio Paraguai e garantir proteção às minas existentes na Bolívia, mas tiveram seu objetivo foi frustrado em 1648, os quais se concentraram na região abaixo do rio Apa.

No Brasil Colonial, o atual Mato Grosso do Sul ainda era vinculado à busca de prata no Peru. Era uma área de difícil acesso, as cidades do sul de Mato Grosso começaram a ser fundadas lentamente, já que o desenvolvimento do restante do Estado se dava a duras penas, principalmente pela dificuldade de comunicação entre os municípios.

Em 1930, a colonização do sul de Mato Grosso tornou-se mais intensa, dando uma nova força a antigas povoações, como Miranda, Corumbá e ao Arraial de Belliágo, que se tornou Coxim. Ainda nessa década, há registros das primeiras povoações de Dourados, nos campos da Vacaria, por Antônio Gonçalves Barbosa.

A discussão acerca das fronteiras e relações com o Paraguai começaram em 1839, mas, como o Brasil não estabeleceu seu limite de fronteira, o Peru e a Bolívia passaram a requerer as terras ocupadas por brasileiros, que tiveram seu território protegido pelo Governo Central Brasileiro.

Após a guerra do Paraguai, o atual estado de Mato Grosso do Sul começou a receber migrantes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Nas regiões de Dourados e Campo Grande, estabeleceram-se grandes fazendas de pecuária, que utilizavam o pasto já pertencente às regiões. A falta de perspectiva abateu, no entanto, o sul-mato-grossense, que, por suas grandes extensões de terra, possivelmente destinadas ao extrativismo, unidas à reocupação das fronteiras, desencadeou outros dois ciclos, o da erva-mate e do gado.

Inserido nas idéias de Bianchini e Conceição (2000), Thomáz Larangeira, verdadeiro conhecedor das fronteiras brasileiras, explorava erva-mate. Buscou no Rio Grande do Sul especialistas em erva-mate para dar início às produções, contando com mão de obra paraguaia. Em 1884, conseguiu permissão para explorar e cultivar a erva-mate nas terras fronteiriças, até a data consideradas devolutas. Como a procura dessa erva era intensa e feita também pela Argentina e Uruguai, o plantio era lucrativo. No ano de 1982, por fim, Thomáz Larangeira associou-se aos Murtinho, uma família tradicional de políticos do sul de Mato Grosso, e criou a Companhia Matte Larangeira. Essa companhia tinha licença para explorar as áreas de erva-mate presentes em toda a região fronteira. Trabalhava em áreas que não lhes pertenciam e obtinha isenções fiscais, sendo esses alguns dos privilégios da união de Thomáz Larangeira e famílias políticas da região. Com o aumento da população do Sul de Mato Grosso, os coronéis fazendeiros que possuíam terras aos

arredores do plantio da erva-mate começaram, no entanto, a reivindicar o reconhecimento da posse da terra ocupada por eles, já que a procura por terras para o plantio aumentou. Os direitos de todas as terras para o plantio ainda eram, todavia, destinados à Companhia Matte Larangeira. Assim, a união dos coronéis do sul contrapostos à Matte Larangeira iniciou um período de desordem e pronunciamento da divisão do Estado. A produção de erva-mate decaiu.

O ciclo do gado em Mato Grosso do Sul teve seu início, no período colonial, com as primeiras cabeças de gado trazidas pelos espanhóis e também por fazendeiros paulistas. A criação de gado teve um vertiginoso aumento, determinando uma ocupação mais efetiva do solo do Estado, de acordo com os dados (IBGE, 1958).

De acordo com Gressler e Swensson (1988), o rebanho bovino do Mato Grosso do Sul esteve ligado aos espanhóis, que trouxeram algumas cabeças do Peru, colocando-as no Planalto de Maracajú, e ao Sr. Gaete que trouxe algumas cabeças de São Paulo.

Esse gado era criado em campo livre, o que possibilitava que algumas cabeças de gado se perdessem do restante do rebanho. A fuga, o que posteriormente, tornaria o gado selvagem, possibilitou a formação de grandes rebanhos e fazendas.

Valverde (1972 apud GRESSLER; SWENSSON, 1988), cita como exemplo típico, a fazenda de Camapuã, que obteve seu rebanho por meio do apresamento de algumas reses selvagens, tendo como objetivo o abastecimento de sua população e das bandeiras que passavam em direção ao norte.

O grande alicerce da cultura pastoril estava, no entanto, na região de Santana do Paranaíba, lugar que contava com condições favoráveis, entre elas a hidrografia, vegetação e a importante estrada que ligava cidades de diferentes estados, aumentando a diversidade cultural, e, conseqüentemente a diversidade linguística.

Segundo o IBGE (1958), a estrada era denominada de “Piquiri” e ligava a cidade de Cuiabá a Uberaba, em Minas Gerais, e Araraquara, em São Paulo, cujo ponto de bifurcação se localizava em Santana do Paranaíba.

A maior característica desse ciclo foi, sem dúvida, o povoamento, ocupação de territórios vazios e a expansão geográfica, mesmo tendo ocorrido de forma lenta

e gradual. O principal representante foi Joaquim Lopes, que liderou, ao lado dos Garcia e Souza, famílias tradicionais, uma grande entrada no Estado.

Apesar de todos os rebanhos, fazendas e população, o território sul-mato-grossense ainda permaneceu pouco povoado, com grandes áreas vazias. Um dos grandes colaboradores foi a guerra do Paraguai (1864 – 1870), que ocasionou o povoamento, disseminando populações. A instalação de ex-combatentes brasileiros e de paraguaio-guaranis fixados na área, somada à migração gaúcha e à empresa Matte Larangeira contribuíram para um processo de povoamento mais solidificado na região.

A comunidade paraguaia instalou-se no Estado com a finalidade de fugir do “caos” que o país de origem se tornara, após a guerra e se dedicou inicialmente ao trabalho de campo, principalmente a erva-mate, já produzida no Paraguai. À frente dessa comunidade esteve Thomaz Larangeira, paraguaio com vasta experiência nesse tipo de cultura.

Sodré (1941 apud GRESSLER; SWENSSON,1988), descreve:

... quando Thomaz Larangeira descobriu a perspectiva de exploração dos ervais nativos que deparara, no decorrer dos trabalhos da comissão de limites estava abrindo novos caminhos ao aumento do fluxo imigratório de grupamentos paraguaios. O trabalho do erval bem como o do beneficiamento da folha, conhecido e praticado no Paraguai, devia ficar entregue, numa maioria absoluta, a elementos dessa origem. Por outro, os peões das fazendas de gado seriam também, orientados dessa procedência.

Com a chegada das estradas de ferro, o sul de Mato Grosso aproximou-se ainda mais de São Paulo, permanecendo o contato esporádico com a capital, Cuiabá, apenas por estradas precárias. A utilização da estrada de ferro trouxe muitas vantagens ao sul do estado, entre elas a dinamização da economia, o crescimento populacional e a urbanização da região. Por fim, o ciclo do gado voltou a ser intenso, dinamizando ainda mais a economia da região. Com o apoio econômico e os poderes político-militares já concentrados em Campo Grande, a parte sul é desmembrada de Mato Grosso em 1977.

O Estado de Mato Grosso do Sul está localizado no sul da região Centro-oeste do Brasil e tem como limites Goiás, ao nordeste; Minas Gerais, ao leste; Mato Grosso, ao norte; Paraná, ao sul; São Paulo, ao sudeste; Paraguai, a oeste e sul; e a Bolívia, a noroeste, fronteiras internacionais.

De acordo com o IBGE (2006), a população do Estado é de 2.265.274 habitantes; a população urbana compreende 1.744.404 habitantes e a rural 330.871, com uma densidade demográfica de 5,79 hab/km².

Ainda segundo dados do IBGE (2006), a economia do Estado continua a ser sustentada pela pecuária de corte, que conta com mais de 23.000.000 de cabeças de gado. Além do extrativismo vegetal e silvicultura, sendo os principais produtos a erva-mate cancheada, carvão vegetal, lenha e madeira em tora, há grandes plantações de soja e milho.

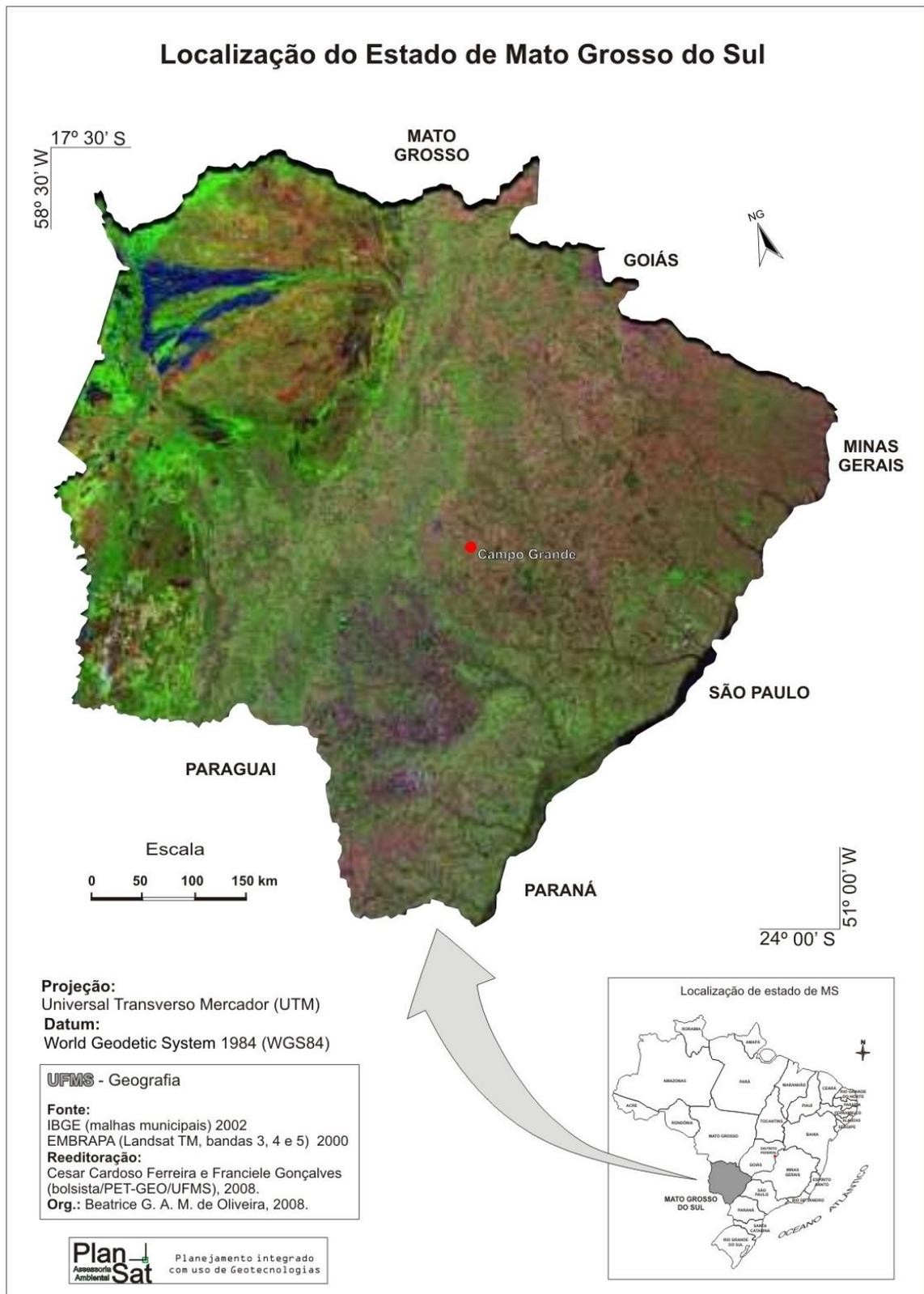


Figura 2: Localização do estado de MS

1.3. Caraterização do município

Paranhos é um município localizado na Região sul do Estado, com área, segundo o IBGE (2002), de 1.305,5 km². A cidade tem a população praticamente dividida em espaço urbano (1.353 domicílios) e rural (1.038). Segundo o censo IBGE (2007), Paranhos possui 11.092 habitantes e a densidade demográfica é de 8,50 habitantes por Km.

O município tem uma grande atividade de agricultura. Cultivam-se muitos alimentos, mas os mais citados pelos entrevistados foram a soja, o milho, e frutas; além da criação de gado de corte, que ainda é muito desenvolvida na região. É interessante frisar aqui que o plantio de erva mate, como já citado, foi a primeira atividade da região, devido a sua importância, inclusive, há até uma lenda sobre esse produto que será anexada ao final do trabalho.

Paranhos é caracterizada como uma cidade antiga, embora tenha apenas trinta anos. Segundo documentos da Prefeitura Municipal, a cidade surgiu em um campo que possuía duas vertentes formadas por dois pequenos rios. Nesse local, foram construídos grandes depósitos para depósitos da erva-mate, planta nativa da região e explorada pelos índios e paraguaios.

A partir de 1910, a localidade passa a receber migrantes de vários estados.

Com o surgimento da empresa Matte Larangeira, iniciou-se o progresso. No início da década de 40, definiu-se a fronteira Brasil-Paraguai e a cidade passou a se chamar Paranhos, em homenagem ao ilustre diplomata de fronteiras José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco.

Em 1958, torna-se Distrito e no dia 17 de novembro de 1987, pela Lei Nº. 777, Paranhos foi elevada a Município, desmembrando-se do Município de Amambaí.

Vista por outro ângulo, a narrativa oral do informante Orides Ratier constata-se uma visão social acerca do surgimento do município e das migrações feitas pelos estados do sul:

“elis vieram do Rio Grande do Su a cavalo...i...i vieram saí aqui...i
essa região foi começada pelos
gauchu...aqui...iguatemi...paranhos...() uma região abitada mais
antiga...//1901 meu avô chego...é compraram terra aqui...viveru
aqui...construiram família...i otus foi imhora otus fico...//Paranhos

começo a evolui im setenta i treis...essi pessual nato daqui...esse povu qui vivia aqui...fazendeirus...nus lugareju aqui...comu seu Albertu Ratier...u tio du meu pai...irmao da minha vó...eli veiu im miu oitocentus e noventa i cinco...pur ai...() vieram du riu grande do su e se instalaram aqui...() Paranhos começo...evoluiu...monto a cidadi...dentru de dois...treis meis...por causa das industria de maderá...u povu começo a migra e faze casa...elis...dentru dum mês ai formo paranhos...os gauchu e paranaense...() u nomi de paranhos antes era “yperru”...patu pretu...depois viro paranhos...pelu seguinte...im homenagem au o...o...barao du riu branco paranhos...eli intermédio a divisa aqui...dipois da guerra”.

Esse contato de migrantes de diferentes lugares, associado ao contato fronteiriço com o Paraguai, influencia a fala dos moradores, gerando, possivelmente, grande variação linguística. Por essa razão, o município foi selecionado para a pesquisa, além de ser um município novo e com nenhum estudo publicado.

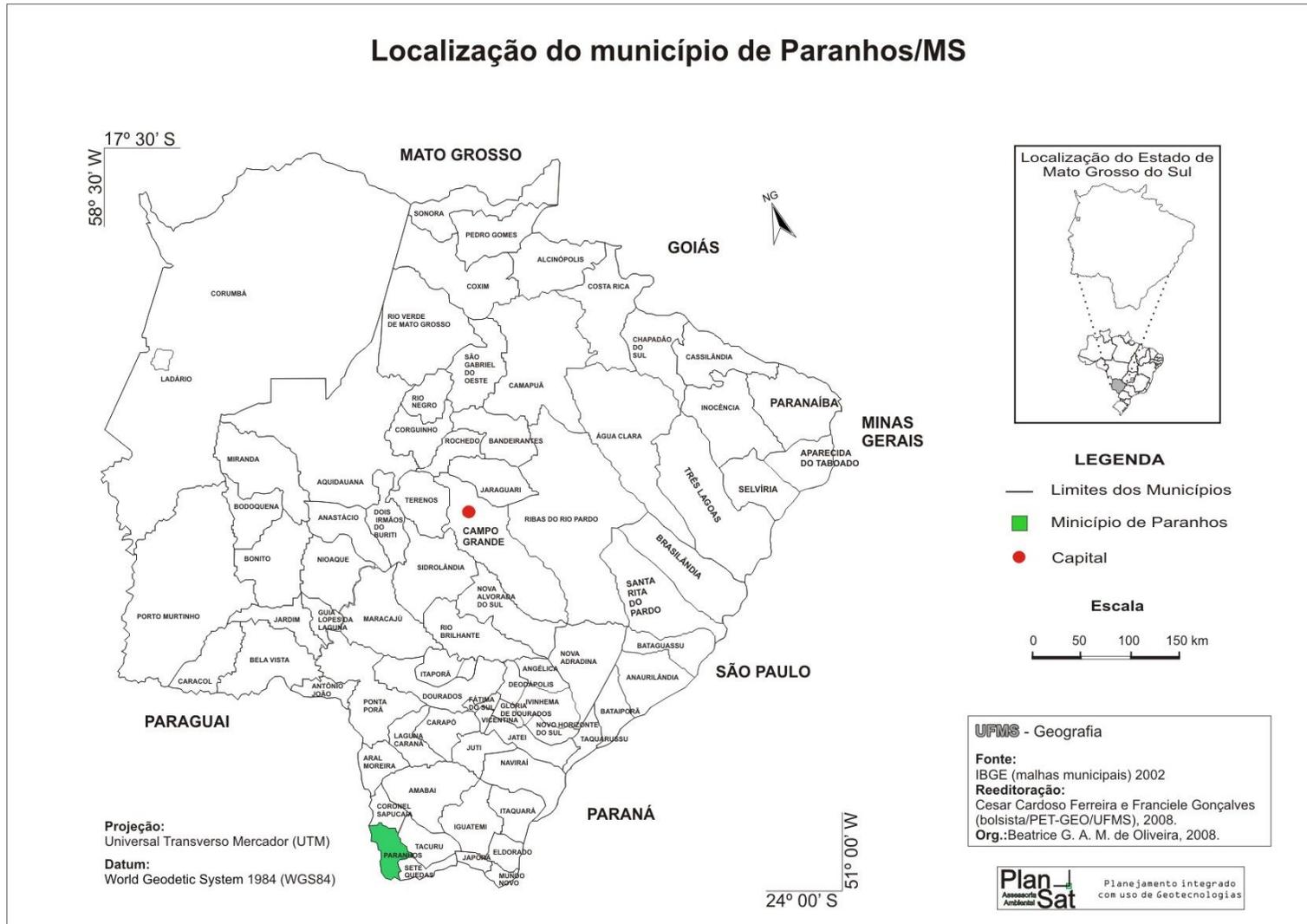


Figura 3: Localização do Município de Paranhos, MS.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A língua é um bem comum a todos; determinante territorial e cultural de um povo. Não se pode pensar em língua superior ou inferior em um país onde existe uma diversidade linguística tão latente, como é o caso do Brasil. Ela tem sido o eixo central do desenvolvimento social e cultural da humanidade, embora o ser humano disponha de inúmeras possibilidades para se comunicar. Nenhuma pessoa fala igual à outra. Cada língua corresponde à expressão de uma escolha entre as várias possibilidades linguísticas, apresentando variações relevantes segundo valores sociais, regionais, de faixa etária, de situação econômica, entre outras variáveis. É o que se entende por variação linguística. Em uma mesma comunidade linguística, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior, como destaca Carvalho (1988, p.25):

Linguisticamente, não há uma língua ou um dialeto que se possa rotular de superior a outra língua ou a outro dialeto. Cada língua é apenas diferente da outra, e cada língua é adequada ao grupo social que a fala, na medida em que ela lhe basta, isto é, na medida em que tudo aquilo que é necessário dizer, nesse grupo social, pode ser dito sem problemas nessa língua.

A língua é o maior instrumento da realidade social e cultural de todo falante e, dessa forma, obrigatoriamente, ela será diversificada e, conseqüentemente heterogênea. Essa heterogeneidade linguística é o objeto de estudo da ciência de que se tratará aqui, a sociolinguística.

Para entender como surgiu essa ciência, deve-se saber a trajetória dessa definição, ao longo do tempo.

No século XIII, havia a marca do racionalismo, pois a língua era considerada, apenas, como expressão do pensamento. O objetivo principal dos estudos dessa época era alcançar uma língua ideal, com que não houvesse variações e ambigüidades, e que todos os falantes utilizassem essa língua da mesma forma e em uma estrutura fixa, com o objetivo de ter uma perfeita comunicação entre os indivíduos.

No século XIX, surge a linguística histórica e, com ela, a gramática comparada, enfatizando a ideia de que as línguas mudam ao longo do tempo, mas

com sistematicidade e regularidade. Nessa época, a possibilidade de haver variação e mudança na língua começa a ter certa importância. Diante disso, dá-se início a estudos para a reconstrução da língua-mãe, chamada também de protolíngua. Na década de 40, surgem como grupo de estudo os neogramáticos, que adotam a visão de que a língua é parte da coletividade e que são os falantes que determinam sua evolução. Nesta fase, ocorre o primeiro isolamento da língua como objeto de estudos linguísticos. Toda mudança era vista como resultado de um processo mental, centrada basicamente no indivíduo.

O século XX é marcado pelo estruturalismo. Seu maior representante é Ferdinand Saussure, que conceitua a língua como um “sistema de signos”, um conjunto de unidades que estão organizadas em um sistema. Para Saussure (2006), a língua é concebida em dois ângulos, o individual, que representava a fala ou “parole”, e o social, que era constituído pela língua ou “langue”; e a ela ele dedicou seus estudos. Sua primeira dicotomia, “langue-parole”, enfatiza a “langue” como um sistema exterior ao indivíduo, portanto incapaz de ser influenciada por ele e, pois, homogênea. Ao lado desta, Saussure ainda faz outra dicotomia, mas agora em relação ao tempo: síncrona-diacrônica, sendo a primeira um estudo de um estado da língua em um momento determinado, enquanto a segunda é um estudo evolutivo de diferentes estados da língua.

De acordo com Costa (2008, p.115),

o estruturalismo, portanto, compreende que a língua, uma vez formada por elementos coesos, interrelacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema.

Os estudos saussurianos são feitos do ponto de vista sincrônico, porque somente nessa perspectiva a língua é concebida como um sistema estático, homogêneo e regular, já que, do ponto de vista diacrônico, o fundamental é o estado evolutivo da língua, o que gera mudança. Os estruturalistas estudavam o lado concreto da língua, que é fixo e invariável. Por essa razão, a mudança era algo impossível de ser estudado, logo indiferente.

Tarallo (1990, p.57) observa que,

[...] para os estruturalistas da primeira metade do século, uma língua tem de ser estruturada para funcionar eficientemente. Defendiam e pregavam que a noção de estrutura implica em efetivo funcionamento do sistema; então, falar em mudança revelava problemas de concepção, pois, nos períodos de mudança, os sistemas passariam por fases menos sistemáticas.

Na década de 50, aparece o gerativismo, idealizado por Noam Chomsky, que mantinha quase a mesma visão do estruturalismo. Via a língua como um conjunto de sentenças, enfatizava o plano sintático e preconizava regras invariáveis. A língua era estudada até o ponto em que fosse homogênea, constituindo um elemento cultural padronizado na mente dos falantes, a fala não era relevante e o padrão de indivíduos exigido era um falante-ouvinte ideal.

O escopo da gramática gerativa é descrever a competência de um falante-ouvinte "ideal", pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea, e que conhece sua língua perfeitamente. Este falante não é afetado por condições irrelevantes de gramaticidade como limitações de memória, distrações, mudanças de atenção e interesse e erros de aplicação do seu conhecimento da língua no desempenho real (CHOMSKY, 1965,p. 83).

Na década de sessenta, surge a Sociolinguística, ou a teoria da variação como resposta às abordagens estruturalistas, que percebiam a língua desvinculada de seu falante e como objeto homogêneo de representação. O objetivo dessa ciência era descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta seu uso variável. Além disso, efetivaria a relação entre língua e sociedade, tratando uma como extensão da outra, ou como elementos indissociáveis, visto que a língua reflete os valores da sociedade e os falantes que utilizam essa língua também colocam em vigor o que a sociedade exige deles.

Cesário e Votre (2008, p.147) afirmam que:

a sociolinguística veio preencher um vazio deixado pelo gerativismo, que considera o objetivo legítimo de estudo apenas o aspecto interior das línguas e a competência linguística. Dessa forma, as novas disciplinas vêm priorizar os fatores sociais, culturais e psíquicos que interagem na linguagem. Esses fatores são considerados essenciais para o estudo linguístico porque o homem adquire a linguagem e dela se utiliza dentro de uma comunidade de fala, tendo como objetivos a comunicação com os indivíduos e a atuação sobre os interlocutores. Portanto, muito se perde ao abstrair a língua de seu uso real.

A teoria também é designada por sociolinguística quantitativa e recebe esse nome porque a realização desse tipo de análise, segundo Guy (2007), possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. Assim, o modelo quantitativo faz a estatística de variações relacionadas a fatores intra e extralinguísticos e tenta explicar as possibilidades linguísticas por meio de um modelo matemático. A melhor teoria relacionada à quantificação dos dados é a regra variável. Ela é quebrada quando aparece uma inovação contraposta à forma padrão.

Essa teoria desenvolveu-se a partir de estudos fonético/fonológicos, realizados por seu principal representante, Labov (1962). Nascido em New Jersey, EUA, graduado em química, ele decidiu pesquisar a língua inglesa, e foi a partir de problemas relacionados à aprendizagem que inicia seus estudos. O primeiro foi sobre a realização dos ditongos [ay] e [aw] na Ilha de Martha's Vineyard; outro, também de Labov (1972), foi sobre o [r] em Nova Iorque. Pela primeira vez alguém conseguiu destacar o importante papel dos fatores sociais na explicação da variação linguística.

No primeiro estudo, Labov verificou a possibilidade de sistematizar a variação existente e própria do inglês falado na ilha de Martha's Vineyard. Geralmente, a variante padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e goza de maior prestígio sociolinguístico. A variante inovadora, por sua vez, é quase sempre não-padrão e estigmatizada. Em Martha's Vineyard, a comunidade sofreu influências sociais provocadas por turistas do continente. A variação encontrada por Labov apresentou

duas maneiras de pronúncia da vogal-núcleo dos ditongos /aw/, como em *out* e *house*, e /ay/, como em *white* e *right*. A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada, tinha a pronúncia da vogal-núcleo [eu] e [ei]. Labov verificou que a variante conservadora, não-padrão e estigmatizada, como em *house*, era a forma mais forte dentro da comunidade. A conclusão de Labov foi a de que os habitantes da ilha de Vineyard, ressentindo-se da invasão cultural e econômica dos veranistas, exageravam na pronúncia da vogal-núcleo como forma de demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, seu perfil de comunidade e especialmente de grupo social.

Já no segundo estudo, Labov enfatiza a pronúncia do [r] em Nova York. Ele partiu da hipótese de que a realização do fonema seria determinada pelo ambiente socioeconômico em que o falante se encontra. O emprego da variável [r] foi estudado em quatro realizações: nas posições pré-consonântica (*fourth*) e final (*floor*) e nos estilos casual e enfático. Os usos do [r] são claramente estratificados por classe social, adequando-se às situações, estilo e contexto linguístico da fala. O dialeto “sem r” está importando a pronúncia “com r” como forma de prestígio de um inglês altamente formal, pois os grupos de classes mais altas fazem uso frequente da realização do fonema /r/. Trata-se da conceituada “heterogeneidade ordenada” citada por Weinreich, Labov e Herzog (1968, p.100). Labov (1966) constatou que, no contexto variável de /r/ pós-vocálico, as mulheres empregam mais a forma padrão nova iorquina, a preservação do /r/, do que os homens.

Após essa iniciativa de Labov, a Sociolinguística passou a ocupar um lugar de destaque nos estudos científicos, o que a tornou uma disciplina essencial e de alta relevância para as investigações linguísticas contemporâneas.

Entretanto, segundo Oliveira (2008, p.93), “a diversidade linguística não é fato de descoberta recente. Alguns estudiosos, mesmo com ênfase no léxico já se preocupavam com aspectos dialetais no começo do século XIX”.

As primeiras tentativas de delimitar o objeto de estudo da sociolinguística foram feitas por Bright (1966) e Fishman (1972). Partindo do caráter inovador e da estreita relação entre língua e sociedade, optaram pela diversidade linguística. Entretanto foi somente a partir desses estudos que a heterogeneidade linguística marcou uma teoria capaz de explicar a influência dos fatores sociais que atuam na língua, isto é, a linguística com caráter social.

O termo sociolinguística teve diferentes conotações e associações a outras disciplinas, entretanto, é imprescindível dizer que se detém ao estudo da língua sempre vista num contexto social. Para Romaine (1994), o termo surgiu como referência às mesmas perspectivas que os linguistas e sociólogos tinham em face das influências da linguagem na sociedade. Mas não deveria ser vista ao contrário, como influência da sociedade na língua? Já para Bright (1966) o fundamental da área era a diversidade linguística, enquanto para Labov (1972) a sociolinguística era a pura linguística, pois não havia concepção de linguística que não fosse de cunho social. Neste sentido ressalta o autor que: “Durante muitos anos relutei em aceitar o termo sociolinguística, porque ele dá a entender que pode existir uma bem-sucedida teoria ou prática linguística que não seja social”.

Assim, essa ciência apresenta elementos próprios e opostos a todas as épocas estudadas até então. Ela se baseia no fato de que todas as línguas são heterogêneas, graças aos seus respectivos dinamismos. Essa variação é ordenada e sistemática, podendo ocorrer no nível fonético/fonológico, morfossintático, discursivo ou semântico. O prioritário valor é de que a língua varia a todo o momento e em diferentes níveis e que essas variações ou talvez mudanças ocorram tanto linguística como extralinguisticamente. Assim, o contexto, a situação e outros fatores de ordem social influenciam a fala de indivíduos dentro de uma comunidade. O indivíduo deixa de ser visto como individual e passa a ser visto inserido em um contexto social mais amplo.

O termo “comunidade de fala” também é imprescindível a essa ciência, visto que a visão de falante é sempre voltada para o interior e exterior da língua, esta influenciada por contextos nos quais os indivíduos convivem e a que pertencem. Com relação à definição deste ponto, há muitas ocorrências, já que há a necessidade de distinguir entre comunidade de fala e comunidade linguística, enquanto, para Romaine (1994, p.22):

a comunidade de fala é um grupo de pessoas que não partilham necessariamente a mesma língua, mas compartilham um conjunto de regras para o uso dela (...) as fronteiras entre as comunidades de fala são essencialmente mais de caráter social do que linguístico

Morales (1993) exemplifica comparando o português do Brasil e de Portugal. Ele mostra que tanto um quanto o outro fazem parte de uma comunidade linguística,

mas distinguem-se quanto às regras e atitudes em face do uso do idioma. Já Lyons (1970) se refere à comunidade de fala como constituída de todas as pessoas que usam uma língua ou um dialeto. Mas será embasado esse conceito na definição de Labov, ao dizer que a expressão não se pode aplicar a um grupo que usam a mesma forma, mas um grupo que segue as mesmas normas relacionadas ao uso da língua:

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares do uso (LABOV, 1968 apud MONTEIRO, 2000)

Surge então a heterogeneidade ordenada (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Estabelecendo a heterogeneidade linguística como objeto de estudo da teoria da variação, mostra-se que a ciência opera com duas formas linguísticas: variável e variantes, que constituem uma dicotomia e muitas vezes entrecruzam um mesmo caminho. Tarallo (1997, p.8) enfatiza que variantes linguísticas são “[...] diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. E a esse conjunto de variantes citado pelo autor dá-se o nome de “variável linguística”. Então a variável linguística são duas ou mais formas diferentes de expressar um mesmo conteúdo ou significado, enquanto as variantes são formas alternantes que exprimem a mesma coisa dentro de um mesmo contexto.

Segundo Labov (1972), para definir uma variável linguística é necessário:

- A) definir o número exato de variantes;
- B) estabelecer toda multiplicidade de contextos em que ela ocorre;
- C) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Tem-se que considerar que a variável linguística só é concebida se duas ou mais variantes tiverem o mesmo significado referencial, demonstrando assim a variação. Segundo Monteiro (2000), um exemplo claro disso ocorre quando observamos o fenômeno da posição do adjetivo em português. Pode-se dizer que em *mulher linda* e *linda mulher* só existe mudança de valor expressivo e afetivo, porém em *grande mulher* e *mulher grande*, não há dúvidas de que o adjetivo muda seu valor referencial.

As variáveis linguísticas, para terem importância nos estudos linguísticos, devem, no entanto, de acordo com Labov (1972).

- A) Ser frequentes.
- B) Ser estruturais, isto é, quanto mais esteja o elemento integrado num sistema maior de unidades em funcionamento, maior será o interesse linguístico.
- C) A distribuição do traço deve estar altamente estratificada.

Essa estratificação pertence aos fatores extralinguísticos e podem ocorrer em diferentes níveis. Elas podem ocorrer relacionadas ao tempo (diacrônica), às regiões ou lugares (diatópica), aos grupos sociais (diastrática); e às faixas etárias ou idade. Todos esses fatores influenciam as variações e possíveis mudanças linguísticas. Algumas escolhas de variantes ocorrem dentro do sistema linguístico, mas há contextos em que tanto os fatores internos como os externos da língua contribuem para a escolha de uma variante em detrimento de outra.

A partir de métodos de investigação, rigorosamente construídos, podem-se investigar, analisar e até explicar tais variações em uma determinada comunidade linguística.

Num estudo sobre variação fonológica, Labov (1972a), afirma que uma variável sociolinguística é um elemento linguístico (elemento fonológico) que covaria não apenas com outros elementos fonológicos, mas também com um número de variáveis extralinguísticas independentes, tais como a *classe social*, a *idade/faixa etária*, o *gênero/sexo*, o *grupo étnico* e o *estilo*.

No caso da variável sexo, a fala tanto das mulheres como dos homens é particular. Diferem-se em ritmo, tom e emprego de estruturas sintáticas. Um desses aspectos é confirmado em um estudo de Georges Straka (apud KASSAI, 1988) com sujeitos falantes da alta burguesia parisiense. O pesquisador descobriu significativas diferenças, mais acentuadas no ritmo do que na articulação dos fonemas, sendo a fala das mulheres mais veloz: elas articulam os sons com mais rapidez e necessitam de menos tempo para a realização da fala.

Chambers e Trudgill (1993) dizem que as diferenças linguísticas devidas ao sexo ocorrem desde a fala das crianças.

Trudgill (1979) ainda afirma que:

[...] as diferenças linguísticas em função do sexo surgem porque a língua, como um fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamentos também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social [...].

As mulheres tendem a ter uma linguagem de maior prestígio do que os homens. Labov (1990, p.213) afirma que “The principle must be qualified by the observation that for women to use standard norms that differ from everyday speech, they must have access to those norms”.

O autor ainda sumariza os resultados sobre a influência do fator social *sexo/gênero* por meio dos seguintes princípios:

Princípio I: em uma estratificação sociolinguística estável, homens fazem uso, com maior frequência, de formas linguísticas não-padrão do que mulheres.

Princípio II: em fenômenos variáveis, mulheres são mais receptivas às formas de prestígio do que homens.

Princípio III: nas mudanças linguísticas que privilegiam formas prestigiadas na comunidade, mulheres são mais inovadoras.

A classe social: a variação presente na fala dos indivíduos de classes sociais diferenciadas é gritante. É comum apontar uma variante preferencialmente determinada para uma classe em detrimento de outra. O único ponto obscuro é que essas variações podem muitas vezes não ser só decorrentes de níveis ou classes sociais, mas ser decorrentes também da escolaridade dos falantes, fator que frequentemente se interpõe.

A região: essa variação é presente em todo o país. Cada região tem sua particularidade quanto ao uso de fonemas e vocábulos. Alguns destes vocábulos têm traços mais marcantes no falar do campo e outros são mais acentuados na fala urbana, e veem-se ainda fonemas que mudam apenas na pronúncia de cada região.

A faixa etária: a variação decorrente do fator social idade é de fácil observação. A linguagem varia em todas as etapas da vida, desde as crianças que não articulam ainda corretamente os fonemas, produzindo *tamelo* em vez de *camelo*; ou com relação aos idosos e adolescentes: os primeiros ainda produzem itens lexicais arcaicos que os jovens desconhecem. Há, entretanto, um problema na variação linguística decorrente da idade do falante: essa variação pode ou não

caracterizar um processo de mudança. Essa mudança que vemos claramente é a variação considerada em tempo aparente, porém somente um estudo em tempo real pode nos dizer realmente se a variação apresentada é uma mudança ou se é apenas uma variação própria da faixa etária (*age grading*).

Nessa perspectiva, Monteiro (2000) afirma que:

se os falantes modificam um hábito linguístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo não modifica o padrão, é claro que não se trata de mudança linguística. Pode no caso ocorrer uma variação estável. É importante ter em mente que toda mudança pressupõe variação, mas a recíproca não é verdadeira. Ou seja: há fenômenos de variação que não resultam em mudança.

Outro possível objeto de estudo da sociolinguística é a mudança, que está diretamente associada às variações. Estas sempre pressupõem a mudança, que pode ou não ocorrer; em alguns casos a mudança linguística é decorrente de variações condicionadas por padrões sociais, o que comprova o fato de ela estar ligada também à evolução da sociedade.

As hipóteses formuladas acerca do conceito de mudança baseiam-se em duas preocupações: ora em como ocorre, surge e se propaga a inovação e ora com os fatores que determinam a evolução dos fatos linguísticos.

Para Labov (1983), a mudança ocorre em três fases: origem, propagação e realização completa. Segundo essa classificação, pode-se ver que a mudança percorre um longo caminho desde o seu surgimento até a realização completa. O ciclo inicia-se quando um grupo de falantes inventa ou modifica uma palavra já com significação e começa a utilizá-la. Aos poucos, outros grupos de falantes aderem à inovação e também fazem uso dessa variável, que passa a ser consolidada como uma variante concorrente à forma conservadora e em uso. Em alguns casos, essa variação termina quando tanto a forma inovadora como a conservadora são aceitas; já em outros a forma inovadora vence a conservadora, isto é, é aceita pela sociedade, encaixada na fala da maioria da comunidade ou região, assumindo assim o uso e eliminando a forma antiga existente.

Baylon (1991) comenta que:

as inovações não são adotadas de modo uniforme e simultâneo por toda a sociedade: alguns grupos são inovadores, enquanto outros adotam imediata e sistematicamente tudo que é novo. Isto significa que a mudança linguística implica a variação social: num certo estágio do processo, alguns membros da comunidade utilizam as novas formas, e outros, as formas antigas.

A unidade fundamental da mudança não é ponto pacífico entre os linguistas. Alguns, como Bloomfield, acreditam que é o fonema o elemento fundamental, enquanto outros definem como segmento fundamental a palavra. E outros, entre eles Labov, ponderam as duas posições, enfatizando que o problema se dá na maneira como a mudança ocorre. Nesse viés, é considerado como ponto de estudo da mudança tanto o fonema, como a palavra.

A mudança pode ocorrer de duas formas: mudança vinda de baixo e mudança vinda de cima. No primeiro caso, os falantes não têm consciência dessa mudança; ela ocorre como generalização de uma variante num grupo social, que se expande junto com os valores que carrega e que passa a fazer parte da fala da comunidade sem que eles percebam. Um exemplo dessa mudança no Brasil, segundo Callou *et alii.* (1998), relaciona-se ao apagamento do /R/ final que; já tendo atingido seu limite, constitui hoje uma variação estável. Já as mudanças vindas de cima são geralmente inovações da classe dominante e em pleno nível de consciência. Trata-se de empréstimos de outra comunidade de fala em face do prestígio dado a ela e invejado pela classe dominante. Mesmo que não se integre à fala total, esta mudança é inserida na fala mais monitorada, refletindo a aquisição do vocábulo. O mesmo teórico dá como exemplo o /S/ implosivo da fala carioca, que apareceu em 1808 com a chegada da corte portuguesa. Os cariocas começaram a imitar o som do /s/ como um índice de prestígio.

As duas formas de mudança podem ser analisadas e enquadradas tanto na mudança de tempo aparente, como em tempo real, assim como as variações linguísticas. E, assim como elas, a mudança também se relaciona com todos os fatores extralinguísticos citados:

Para finalizar a questão da mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.125) fazem algumas assertivas sobre a natureza da mudança, a seguir exposta:

1) A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente à fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos por meio de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.

3) nem toda variabilidade e heterogeneidade da estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4) A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

5) As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os dialetos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

6) A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

7) Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

É importante percebermos que a Teoria da Variação já existe há certo tempo, sendo responsável por uma nova visão a respeito das comunidades linguísticas, percebendo-as como heterogêneas, fonológica, morfossintática, semântica e até discursivamente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, foi escolhida uma metodologia que tem como base a Teoria da Variação, que analisa a relação entre a língua e a sociedade. Vê o estudo da língua como algo que é, ao mesmo tempo, linguístico e social, observando as diferentes formas linguísticas como variantes que coexistem em um meio social. Acredita que tanto fatores internos como externos podem interferir no uso da língua, gerando a variação. Preocupa-se com a língua falada e reconhece-a como dinâmica, heterogênea, instável, variável e que se constrói, desconstrói e reconstrói a todo o momento.

Segundo Bagno (2007, p.37),

[...] a variação e a mudança linguísticas é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas!

3.1 A proposta de William Labov

Segundo Guy (2007, p.101),

fala-se de um modelo quantitativo na sociolinguística variacionista quando tomamos um modelo de teoria linguística que procura explicar as possibilidades linguísticas e tentamos entendê-lo para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático.

Inaugurado por Labov, o percurso metodológico para a análise quantitativa da variação linguística principiou, no caso da ilha de Martha's Vineyard com perguntas sobre assuntos corriqueiros do cotidiano que leva o falante a situações naturais de interação social, dentro de um ambiente já conhecido pelo informante, sem a

presença de uma fala monitorada. Labov contou com variáveis linguísticas e não-linguísticas para traçar o perfil desses informantes. No segundo trabalho (pronúncias do [r]), os dados foram extraídos de apenas uma pergunta, em alguns casos: Que andar é esse? E, em outros: em que andar fica a loja de sapatos? A resposta era sempre: “fourth floor”. Foi a oração necessária para cumprir o objetivo de descrever o uso do /r/ medial (fourth) e pós-vocálico (floor) na cidade de New York. Em ambas as pesquisas, contou com variáveis linguísticas e não-linguísticas para traçar o perfil desses informantes, sempre consolidadas na relação língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação própria da língua falada.

Esta pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes etapas:

- i. Escolha da localidade
- ii. Estudo histórico do local
- iii. Elaboração de questionários
- iv. Seleção de informantes
- v. Coleta de dados com entrevistas *in loco*
- vi. Transcrição e codificação dos dados
- vii. Seleção das ocorrências
- viii. Análise estatística de dados

A situação histórica da Região de Paranhos foi abordada no capítulo anterior por uma questão didática. Desse modo, a descrição do processo metodológico da pesquisa terá início no tópico destinado à elaboração de questionário.

3.2 Questionários

A entrevista foi feita por meio de questionários, subdividido em aspectos fonéticos e lexicais, retirados de um amplo projeto apoiado pelo CNPq, ALMS², e readaptado a região pesquisada; algumas questões foram anexadas, enquanto outras foram excluídas do questionário já citado. Foram assim 137 questões relacionadas aos aspectos semântico-lexicais e 47 ao fonético – fonológico.

O questionário semântico-lexical teve inserido em suas perguntas, algumas questões referentes ao plantio de erva-mate, visto que foi a primeira atividade

² Atlas lingüístico de Mato Grosso do Sul, organizado pelo Professor Doutor Dercir Pedro de Oliveira com o objetivo de mapear as variantes linguísticas presentes na fala dos indivíduos do Estado.

econômica do município e continua a ser desenvolvida até hoje. São 137 perguntas distribuídas em doze campos semânticos:

- a) fatores atmosféricos;
- b) flora;
- c) fauna;
- d) corpo humano;
- e) doenças;
- f) características físicas;
- g) cultura e convívio;
- h) ciclos da vida;
- i) alimentação;
- j) vestimentas e utensílios de uso pessoal;
- k) trabalho;
- l) brincadeiras e lazer.

Já no fonético-fonológico são apenas quarenta e sete perguntas que visam mostrar as variações fonéticas que ocorrem na fala da comunidade de Paranhos. Foi feita também a gravação de narrativas sobre assuntos que marcaram a vida do informante, o que torna a fala menos monitorada e mais informal, aproximando a fala do seu uso real, “mais natural”.

3.3 A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada *in loco* e gravada digitalmente no gravador Powerpack/DVR-SD 3850, por mais ou menos uma hora por informante.

Conforme destaca Labov (2008, p.63), confirma: “O método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”.

A transcrição dos dados foi feita fonética e grafematicamente, obedecendo às normas do NURC-SP³, as únicas existentes no país. Para isolamento apenas dos vocábulos estudados para melhor compreensão fonética, foi utilizado o programa AUDACITY. Após essa etapa concluída, os dados foram codificados para serem

³ Projeto da Norma Urbana Regional Culta, as únicas existentes no país.

rodados num conjunto de programas denominado VARBRUL(2001), programa estatístico desenvolvido como suporte técnico-quantitativo para auxiliar a sistematização dos dados linguísticos. Os linguístas Zilles e Guy (2007, p.106-107) apresentam três vantagens para a utilização desse programa em detrimento de outros pelos sociolinguístas:

Em primeiro lugar, ele é dedicado á estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural...Em segundo lugar, a operação do Varbrul tolera muito bem tais desvios⁴ de uma distribuição equilibrada, mas eles seriam fatais pra outros métodos...e uma terceira vantagem é que ele vem com rotinas que permitem a recodificação e outros manuseios dos dados, o que é, muitas vezes, difícil ou demorado e inconveniente de fazer em pacotes gerais...

3.4 Informantes

Todos os falantes entrevistados residem na comunidade de moradores de Paranhos – MS, município situado ao sul do Estado. Foram selecionados 16 informantes, conforme fatores extralinguísticos e sociais, que podem influenciar a variação e, em algumas situações, a mudança, com a mesma importância que os fatores linguísticos presentes no interior da língua. De acordo com Mollica (2003, p. 27), as variáveis linguísticas e não-linguísticas agem num conjunto de relações que podem inibir ou favorecer o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Ela ainda enfatiza:

Das variáveis externas ou não-linguísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso linguístico de comunidades de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico.

⁴ Muitas células numa rodada típica do Varbrul não têm nenhum dado, ou tem só um dado.

Dessa forma, as variáveis extralinguísticas escolhidas englobam gênero/sexo, escolaridade, faixa etária e origem. Dentro desse prisma, o perfil dos informantes foi delineado a partir de alguns critérios:

- i. quatro homens e quatro mulheres pra cada faixa etária.
- ii. duas faixas etárias distintas: de 18 a 35 anos e acima de 50 anos.
- iii. ser escolarizados até o ensino fundamental (9º ano) ou não escolarizados.
- iv. ter nascido no município de Paranhos ou que residam no local por mais de 20 anos.

De acordo com os critérios estabelecidos acima, os informantes se dividiram conforme tabela a seguir:

NOME	MULHER	HOMEM	JOVEM	IDOSO	ESCOLARIZADO	INSTRUÇÃO RUDIMENTAR
Renato Zschork de Souza		x	x		x	
Amezina do Nascimento Silva	x			x	x	
Bonifácia Duarte Benite	x			x		x
Délfia Canábea	x		x		x	
Edna Maristela	x		x		x	
Gelson Leme Tavares		x		x	x	
Paulo José dos Santos		x		x	x	
Regilene Zschork de Souza	x		x		x	
João Rodrigues do Santos		x	x		x	
Wilson Antunes Purca		x		x	x	
Astrogilda Tavares Fernandes	x			x	x	
Branca Helena Jaara	x			x	x	
Eduardo Vilhalva		x	x		x	
Orides Ratier		x		x	x	
Ronivaldo Franco		x	x		x	
Solange Libério Serafim	x		x		x	

Tabela 1. Perfil dos informantes



A procura de informantes que se enquadrassem no perfil estipulado para a pesquisa não foi fácil devido à chuva excessiva, à época de coletar, e ao intenso processo migratório nessa região. Grande parte dos moradores de Paranhos é nascida em outros estados, como Paraná, Bahia e no Paraguai. Há, todavia, “os filhos de Paranhos”, como a população nascida e crescida lá se autodenomina.

Desse modo, todos os informantes que participaram da pesquisa preencheram os critérios de seleção propostos, conforme registrado na ficha do informante (anexo), que conta com informações de dados pessoais e culturais dos participantes.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Análise dos fenômenos fonético-fonológicos da fala da comunidade de Paranhos

Para descrever e analisar os sons linguísticos, assim como faziam já os gregos, utilizam-se princípios de Fonética e Fonologia.

Segundo Kindell (1981, p.11),

a fonética focaliza a identificação, descrição e reprodução dos sons; a fonologia focaliza a análise fonêmica dos sons de uma língua. A fonética possibilita exatidão e precisão na aquisição de dados éticos⁵, e a fonologia possibilita a interpretação dos dados éticos e a dedução de fatos êmicos⁶.

Cristóvão Silva (2003, p. 23) afirma que “a fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” e mostra que essa ciência está diretamente relacionada ao aparelho fonador, parte do corpo humano responsável pela produção dos diversos tipos de sons.

Assim, a fonética não existe sem a fonologia e vice-versa. Para que o funcionamento dos sons ocorra de forma completa, a fonética conta com três grandes sistemas: o sistema respiratório, constituído pelos pulmões, músculos pulmonares, brônquios e traquéia; o sistema fonatório, constituído pela laringe, onde ficam as chamadas cordas vocais; e o sistema articulatorio, onde se encontram a faringe, língua, nariz, dentes e lábios. Esses três sistemas unidos dão origem ao aparelho fonador. Cagliari (2007, p.24), afirma que

a língua é o órgão mais importante na modulação dos sons da fala, e a descrição fonética dos sons da fala se baseia enormemente nas posturas assumidas pela língua durante a produção dos sons.

Todos os sons produzidos por esse aparelho são objetos de estudo da fonética. Por essa razão, a preocupação dos gregos ainda é importante e válida, já

⁵ Definição usada por Pike (apud KINDELL, 1981), o ponto de vista ético é a visão de fora do sistema linguístico enquanto o êmico é a visão de quem já está familiarizado com o sistema.

⁶ Pike. Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior, p. 37.

que foram eles que começaram a descrição dos sons das línguas naturais. Em decorrência desse estudo, não só as línguas politicamente reconhecidas tiveram sua importância, mas também os dialetos⁷ de diversos povos, ainda não valorizados.

Considerando que os sons da fala variam de falante para falante, a análise dos fenômenos fonético-fonológicos da fala da comunidade de Paranhos torna-se fundamental para justificar algumas atualizações linguísticas encontradas na região. Assim, levantaram-se os 12 fenômenos apresentados na coleta dos dados, (apócope, alçamento das pretônicas [e] e [o], elisão, iotização, palatização, vocalização do [l], epêntese, aférese, rotacismo, síncope, monotongação e nasalização), e enfatizaram-se os que tiveram maior ocorrência na comunidade estudada.

Tais fenômenos foram:

1. (F) alçamento das pretônicas [e] e [o]
2. (O) vocalização de “l”
3. (T) monotongação
4. (R) rotacismo
5. (G) elisão

4.1.1 O envelope da variação

As variáveis escolhidas para essa pesquisa foram:

Fatores linguísticos

Variável dependente

Grupo 1: aplicação ou não da regra variável

1 – variação

∅ – norma

Fatores extralinguísticos

Variáveis Independentes

Grupo 2: fatores fonéticos

⁷ Segundo Mattoso Câmara Jr, *dialetos* são falares regionais que apresentam entre si coincidências de traços linguísticos fundamentais.

F - alçamento das pretônicas [e] e [o]

O - vocalização de [l]

T - monotongação

R - rotacismo

G - elisão

Grupo 3: variável sexo

H – homens

M – mulheres

Grupo 4: variável faixa etária

N – jovem (até 35 anos)

V – idoso (mais de 50 anos)

Grupo 5: variável escolaridade

E – escolarizado

A – instrução rudimentar

Para melhor compreensão dos dados contidos nas tabelas, segue a cadeia de codificação desses processos, tanto com os fatores linguísticos quanto com os extralinguísticos.

A cadeia é formada por cinco elementos. O primeiro corresponde a **(0)** para as construções regulares ou **(1)** para as variações; o segundo dígito corresponde ao fator linguístico (**F** - alçamento, **G** - elisão, **O** - vocalização, **R** – rotacismo, **T** - monotongação); o terceiro dígito corresponde à variável extralinguística “sexo”, **H** - homens e **M** - mulheres; o quarto dígito corresponde à variável “faixa etária”, sendo **N** - jovens e **V** - idosos; e a última letra da cadeia corresponde à “escolaridade”, sendo **A** - analfabetos e **E** - escolarizados. Assim, o informante com a cadeia 1TMNE será visto como um falante que teve variação no fenômeno de monotongação e é uma mulher, jovem e escolarizada.

4.1.2 Interpretação

A tabela apresentada a seguir mostra os valores totais e percentuais dos fenômenos fonético-fonológicos que obtiveram maior número de ocorrências na comunidade de Paranhos.

Fatores Fonéticos	Regular	Desvio	Total
F alçamento	55 35%	102 64%	157 26%
G elisão	1 6%	14 93%	15 2%
O vocalização	3 6%	43 93%	46 7%
R rotacismo	12 35%	22 64%	34 5%
T monotongação	11 29%	26 60%	37 6%

Tabela 2. Distribuição dos fatores fonéticos (F - Alçamento, G - elisão, O – vocalização, R - rotacismo e T - monotongação) de acordo com a variável dependente.

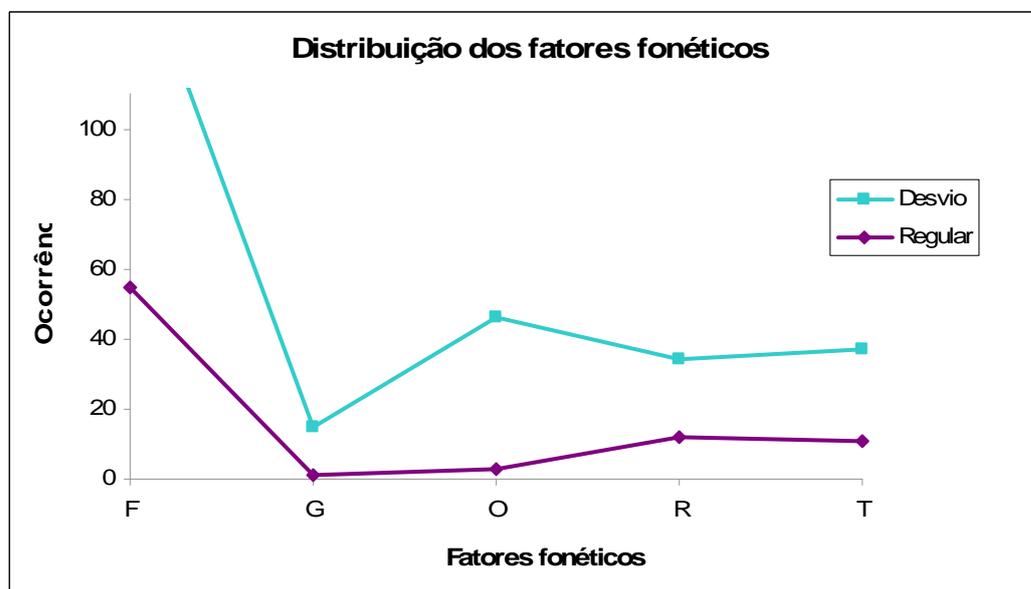


Gráfico 1. Distribuição das ocorrências regulares em relação às de desvio

Os dados coletados foram medidos no pacote de programa Goldvarb2001, analisados e descritos conforme valores tanto absolutos, como relativos, tendo em vista a maior ou menor frequência variacional do vocábulo, como dito no capítulo anterior.

suluçu	[su<lus†]	1FMNE
ispirru	☉)(•<□)(≡†☼	1FHVE
gurdura	☉)o◆☼<Ω◆☼①☼	1FMVA
juelhu	☉)er◆<ℳ◆†☼	1FMVE

Quadro 1 - Exemplificação do processo de alçamento das pretônicas [e] e [o]

De acordo com o quadro, no vocábulo *soluço*, a vogal posterior média alta “o” assimila a altura da vogal “u” e se realiza na maior parte das ocorrências como “u”, vogal posterior alta. O processo de alçamento é assim caracterizado pela modificação do traço [-alto] para [+alto] das vogais médias /e/ e /o/, que se realizam como vogais altas /i/ e /u/, ocorrendo variavelmente.

Nos itens *gordura* e *joelho*, o processo é semelhante: ocorre a assimilação da altura da vogal da sílaba tônica, porém a única variação apresentada é a alternância de “o” por “u”. O mesmo ocorre com as palavras *espirro* e *piolho*, apesar de o processo ser inverso. Na primeira palavra, o “e”, vogal anterior média alta, por meio da assimilação da altura de “i”, na sílaba tônica, realiza-se como “i”, vogal anterior alta, seguindo a definição do processo de alçamento.

A transformação das pretônicas [e] > [i] decorre de um condicionamento estrutural. Leite e Callou (2002, p.41) dizem que a presença de uma vogal alta na sílaba tônica condiciona a variação.

Desse prisma, Kluck (2008) afirma que a elevação da altura da língua, isto é, o alçamento das vogais médias pretônicas, é um fenômeno que caracteriza diferenças dialetais, seja pelo uso maior ou menor do que se denomina harmonização vocálica⁸ presente em todas as variedades do português, seja pelo uso maior ou menor de regra de abaixamento que ocorre em alguns dialetos.

Não houve nenhuma ocorrência de alçamento antes da vogal tônica baixa [a], conforme tabela acima.

⁸ Segundo Câmara Junior (2007, p.166): Na língua portuguesa do Brasil há uma forte tendência para a harmonização na escala dos abrimentos, determinando a passagem de uma vogal média para alta ou de uma vogal alta para média, de acordo com o timbre da vogal tônica, independentemente da correspondência ou divergência entre elas na posição articulatória anterior ou posterior arredondada. A harmonização explica a pronúncia brasileira /mininu/ para menino, /pirú/ para peru, da mesma sorte que pode explicar de acordo com a grafia (v.), /mil'ór/ para melhor, e /kol'ér/, em vez de /kul'er/ para colher.

Segundo Cavaliere (2005, p.59), o processo de assimilação é um dos processos fonológicos mais comuns e mais frequentes. O autor conceitua esse processo, como a:

ação assimilatória de um fonema sobre o outro, de que resulta uma modificação desse último a ponto dele aproximar-se (assimilação parcial) ou a ele igualar-se (assimilação total). Em “pidido” por *pedido*, por exemplo, a harmonização da vogal pretônica com a alta tônica resulta e um caso de assimilação total regressiva, visto que a vogal modificada iguala-se à modificadora e está em posição anterior a essa.

A tabela 3, a seguir, apresenta a distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável independente “sexo” conforme rodagem do programa Goldvarb 2001:

V.D	Regular	Desvio	Total
SEXO			
Homem	29 38%	48 62%	77
Mulher	26 32%	54 68%	80

Tabela 3. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) ⁹ e a variável “sexo”.

Nessa tabela, pode-se perceber que a variável independente “sexo” não implicou uma distinção entre a fala de mulheres e homens. Na comunidade de Paranhos, os homens apresentaram 29 construções regulares, em oposição a 48 ocorrências de desvio, ou seja, variação. Um valor muito próximo do outro. Dessa mesma forma acontece com as mulheres, que apresentam 26 construções regulares e 54 desvios. Pode-se dizer que essa variável foi de pouca relevância para caracterizar a variação presente no fenômeno descrito anteriormente, já que a porcentagem de construções regulares ficou em torno de 38% e os desvios em torno de 62%, na fala dos homens, e em 32% de usos da norma e 68% de variação na das mulheres. A variação pode ser mais claramente percebida no gráfico que segue. Embora haja variação, o intervalo não é significativo.

⁹ As três próximas tabelas são relativas ao mesmo fenômeno: alçamento das pretônicas “e” e “o”.

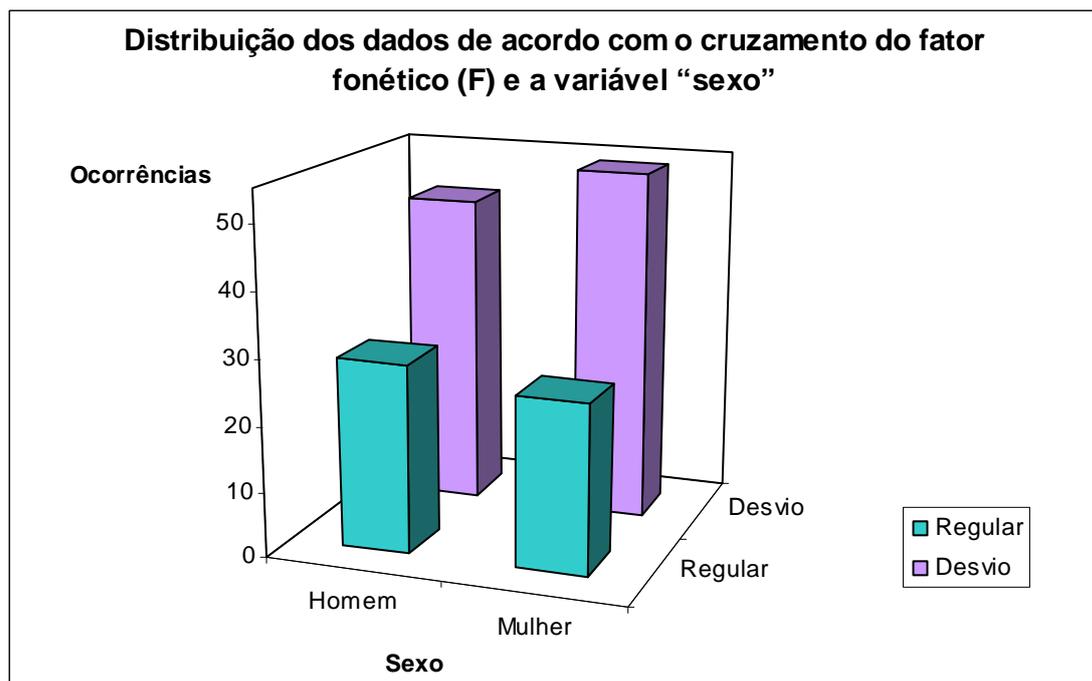


Gráfico 2. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “sexo”.

A seguir, apresenta-se o cruzamento do fator fonético (F) com a variável independente “faixa etária”.

V.D.	Regular	Desvio	Total
Faixa etária			
18 a 35 anos	24 32%	51 68%	75
50 a 65 ou mais	31 38%	51 62%	82

Tabela 4. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “faixa etária”.

Na tabela, pode-se notar que o cruzamento do fator fonético de alçamento das pretônicas [e] e [o] com a variável independente “faixa etária” teve resultados semelhantes, sendo difícil dizer qual das duas faixas mais variam nesse processo. Os jovens, de 18 a 35 anos, tiveram 24 ocorrências regulares, ou seja, que cumprem a norma gramatical, enquanto os falantes da segunda faixa etária, com 50 anos ou mais, contribuem com 31 ocorrências dessa mesma ordem. Quanto aos desvios, isto é, as variações, tanto a primeira como a segunda faixa etária têm 51 ocorrências. O índice percentual foi de 32% de construções regulares e 68% de desvios para os

homens, enquanto nas mulheres foi de 38% de norma e 62% de variação. Uma visão mais clara dessa variação é mostrada no gráfico 3.

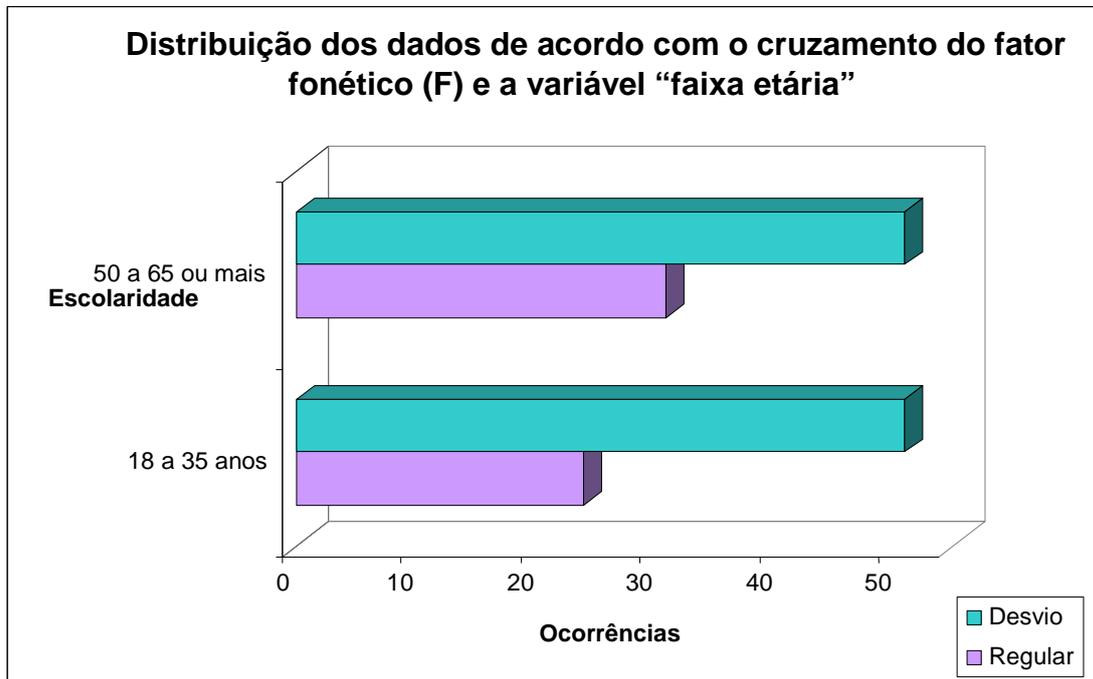


Gráfico 3. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “faixa etária”.

Na tabela abaixo, será evidenciado o cruzamento do fator linguístico com a variável independente “escolaridade”.

V.D.	Regular	Desvio	Total
Escolaridade			
Escolarizados	53 36%	93 64%	146
Analfabetos	2 18%	9 82%	11

Tabela 5. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (F) e a variável “escolaridade”.

Quanto à escolaridade, houve uma diferença grande de realizações. Enquanto os falantes escolarizados tiveram uma pronúncia da chamada norma culta de 53 ocorrências, totalizando 36%; as ocorrências de desvios foram de 93, formando um percentual variacional relativo de 64%. Ao mesmo tempo, os analfabetos tiveram apenas 2 realizações regulares com 18% e 9 variações com 82%; valor bem alto em relação aos escolarizados. Contudo, ambos os níveis tendem a variar mais do que cumprir a regra, como consta no gráfico abaixo.

"l" em travamento de sílaba	"l" em final de palavra	informante
[heʃvɫwv]		1OHNE
☉ʃʎ☉♦ʃ†☉		1OHNE
[puwʃmɫw]	[puwʃmɫw]	1OHVE
☉&☉♦ʃ♦☉w☉☉	☉&☉♦ʃ♦☉w☉☉	1OMVE
☉☐☉♦ʃ♦☉♦☉	☉☐☉♦ʃ♦☉♦☉	1OMVE

Quadro 2. Exemplificação da vocalização do /l/.

Como se pode ver, na comunidade de Paranhos a vocalização do [l] em posição de travamento de sílaba aparece em maior número de vocábulos do que em posição final. Entretanto, apenas uma ocorrência, de uma moradora de Paranhos com familiares paranaenses, é que cumpre a regra, ou seja, mantém a realização velarizada de [ʎ], como ☉pasʃtʃʎ. O cumprimento da norma, nesse caso, deve-se à influência paranaense na fala de Paranhos, região sul de Mato Grosso do Sul. Todos os demais informantes fizeram a vocalização, dando lugar à semivogal /♦/.

Para explicar esse fenômeno, Cavaliere (2005, p.94) diz:

O fenômeno tem registro farto na história da Fonologia Portuguesa, a julgar pelos exemplos *salto* > *souto*, *falce* > *fouce*, *palpare* > *poupar*, entre outros. Por vezes, a vocalização resultou numa semivogal anterior, dada a base vocálica posterior: *multu* > *muito*, *ascultar* > *escuitar* (arc.).

Assim, é um fenômeno já enraizado no PB, que só deixa de ocorrer quando o falante apresenta um monitoramento alto na sua linguagem.

Já com relação à posição de travamento se sílaba, os falantes tiveram maior número de itens lexicais, como [heʃvɫwv], [puwʃmɫw] e ☉&☉♦ʃ♦☉♦☉☉. Essa alternância ocorre para facilitar a articulação da palavra. O aparelho fonador faz menos esforço numa cadeia de fala cvv (vɫw), que na cadeia cvc (vɫ☉).

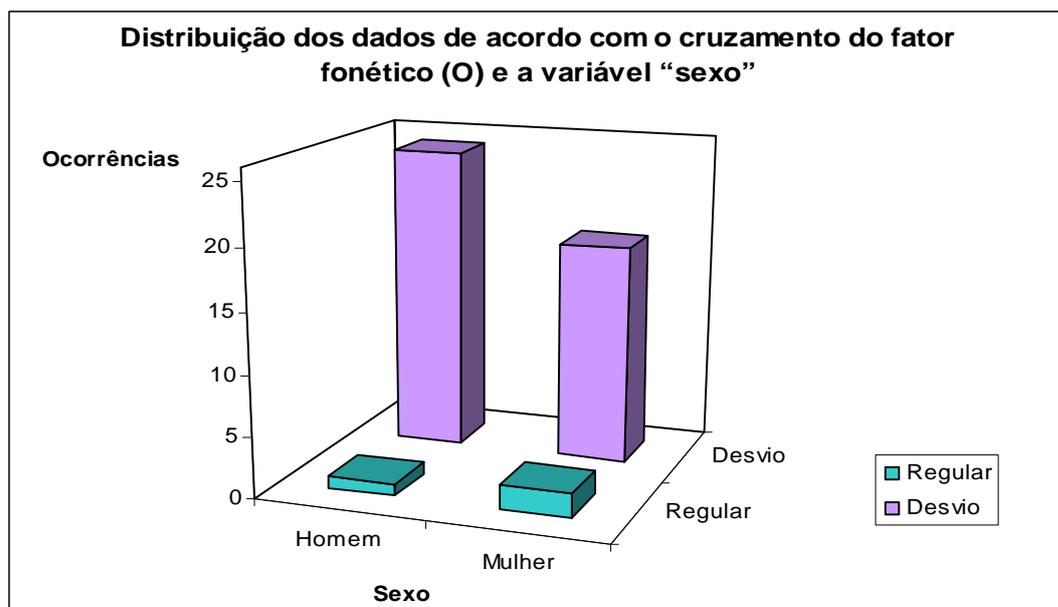
Nesse fenômeno, a comunidade de Paranhos apresentou também o caso de ☉ʃʎ☉♦ʃ†☉ que pode ser também considerada como um processo de vocalização, porém da consoante /r/, ao invés da lateral /l/.

A seguir será mostrado o fenômeno da vocalização no cruzamento com as variáveis independentes, sexo, faixa etária e escolaridade.

	V.D	Regular	Desvio	Total
SEXO				
Homem	1 4%	25 96%		26
Mulher	2 10%	18 90%		20

Tabela 6. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) ¹⁰ e a variável “sexo”

Nessa tabela, a variável independente “sexo” apresentou uma pequena distinção entre mulheres e homens. Na comunidade de Paranhos, os homens tiveram 1 realização com relação à variável (0), em oposição a 25 realizações com relação à variável (1), enquanto as mulheres apresentam 2 construções regulares e 18 desvios, quanto ao fenômeno fonético-fonológico em questão. A relevância desse cruzamento ainda não é firmada no fator extralinguístico, visto que, independente do sexo, os falantes paranhenses obtiveram um percentual equivalente: 96% entre os homens e 90% entre as mulheres. O que realmente importa é o fenômeno linguístico. No gráfico 5, há uma maior visualização da variação relacionada a esse fator fonético em estudo:



¹⁰ As três próximas tabelas são relativas ao mesmo fenômeno: vocalização do [I].

Gráfico 5. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “sexo”.

Na tabela a seguir, apresenta-se o cruzamento da variável independente “faixa etária” com o fenômeno linguístico da vocalização do //:

	V.D.	Regular	Desvio	Total
Faixa etária				
18 a 35 anos	3 13%	20 87%	23	
50 a 65 ou mais	0 0%	23 100%	23	

Tabela 7. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “faixa etária”.

Na tabela acima, constata-se que o mesmo fato visível na tabela referente à variável independente “sexo”: tanto os jovens como os idosos utilizam na fala cotidiana mais sequências variacionais do que regular. Enquanto nos jovens há 3 ocorrências em relação à variável dependente (0), os idosos não utilizam a norma. Não houve ocorrência de nenhuma palavra referente à variável (0), entretanto, os idosos fizeram uso de 23 ocorrências relativas à variável (1), ao passo que os jovens tiveram 20 ocorrências. Assim, o percentual dos idosos ficou com a totalidade de 100% e os jovens de 87%, o que comprova a afirmação de que o fenômeno da vocalização já é comum entre a maioria dos falantes brasileiros. Vejamos o gráfico abaixo.

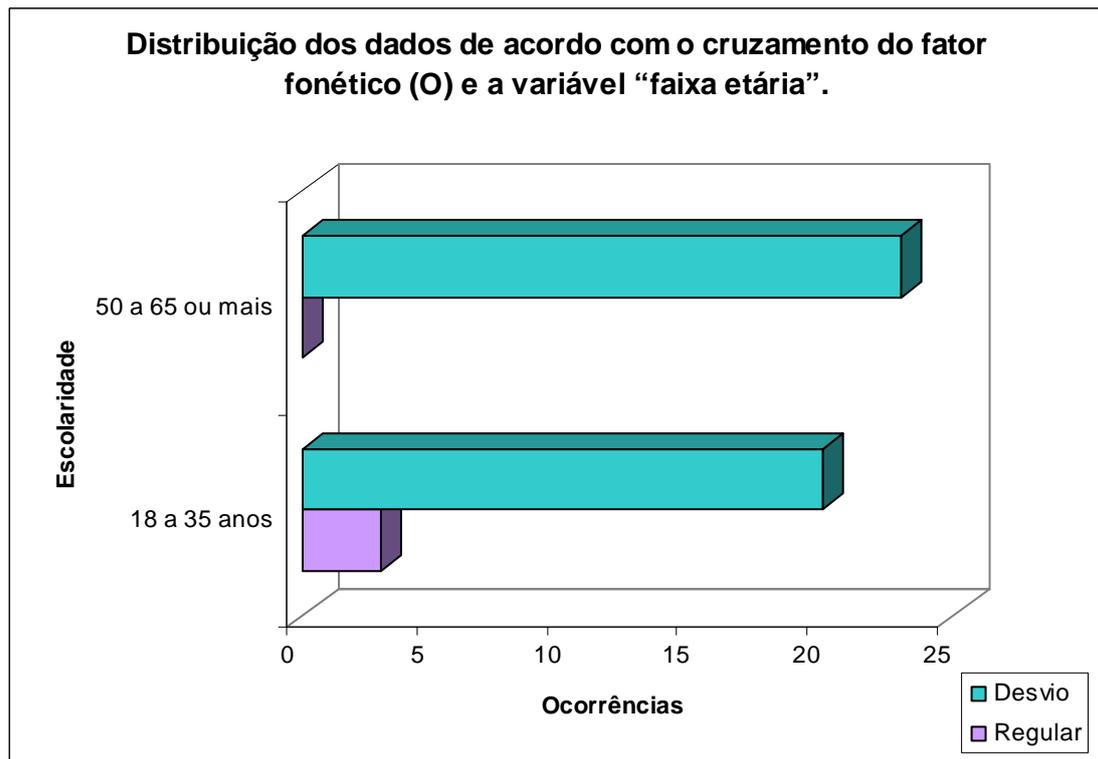


Gráfico 6. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “faixa etária”.

Relacionado ao fenômeno em estudo, há ainda uma tabela de cruzamento com a variável independente “escolaridade”:

V.D.	Regular	Desvio	Total
Escolaridade			
Escolarizados	3 7%	42 93%	45
Analfabetos	0 0%	1 100%	1

Tabela 8. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “escolaridade”.

Nessa tabela, pelo fato de apenas uma informante ser analfabeta, os números de ocorrências são claramente distintos, porém, mesmo assim, a tendência a usar a variação na fala não monitorada aparece. Os informantes escolarizados obtiveram 3 ocorrências regulares, contra 42 ocorrências que comprovam a variável (1), mostrando o percentual de 93% . Já a informante analfabeta não teve registros da forma regular, da norma, em sua fala, apresentando apenas 1 realização variacional, totalizando uma porcentagem de 100%. Neste sentido, pode-se dizer que esse

fenômeno aponta para a grande possibilidade de mudança linguística caracterizada na fala dos informantes, visto que é quase imperceptível o uso da norma, por parte dos brasileiros.

O gráfico abaixo demonstra outra forma de representação da tabela 8.

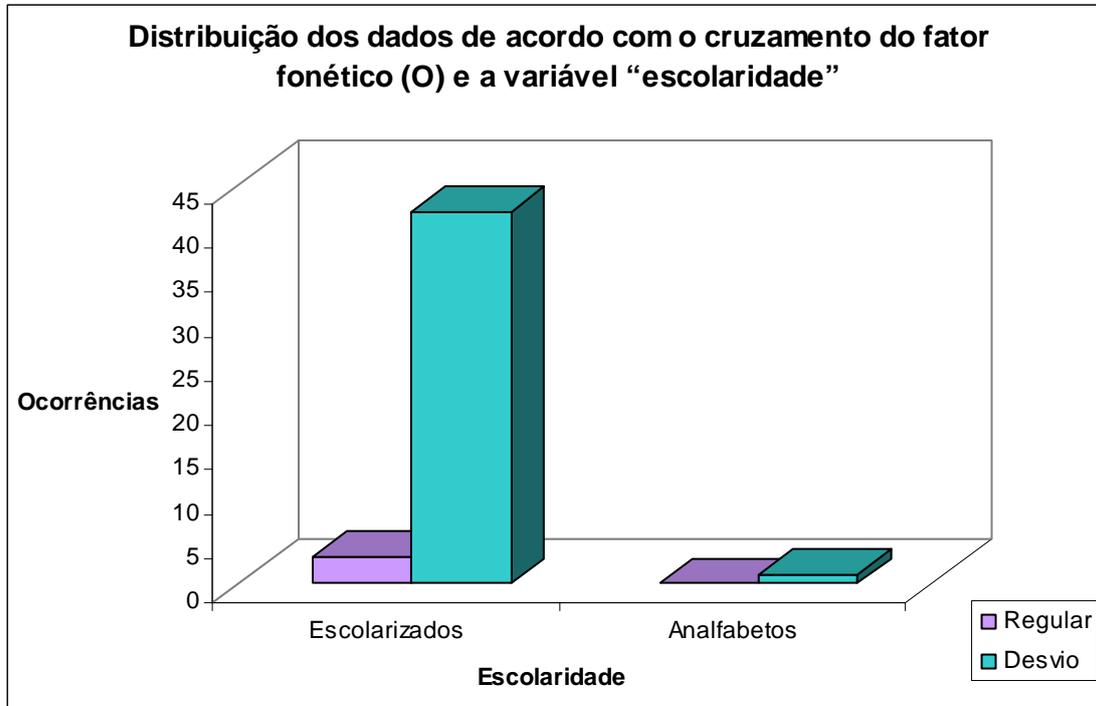


Gráfico7. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (O) e a variável “escolaridade”.

4.1.5 Monotongação

Com a finalidade de entender o processo de monotongação, faz-se necessário estabelecer a definição de ditongo.

Segundo Silva (2003, p.95), “um ditongo consiste de uma sequência de segmentos vocálicos sendo que um dos segmentos é interpretado como vogal, e o outro como um “glide”, isto é, uma semivogal.

Ao contrário segue a monotongação, processo em que há a queda da semivogal, e o ditongo passa a se realizar como uma vogal normal. Fica evidente que o alvo dessa pesquisa sendo a fala, o processo, assim como os demais vistos anteriormente, se restringe à articulação de vocábulos e não a sua representação escrita.

Esse fenômeno é recorrente em estudos linguísticos. Segundo Cavaliere (2005, p.96), esse processo é citado mesmo que de forma superficial por quase

podem ser facilmente substituídos pelas vogais /□/ e /ᄁ/. Esse processo decorre da facilidade de articulação dos sons.

O processo de monotongação será cruzado, por meio do programa Goldvarb 2001, com as variáveis extralinguísticas sexo, faixa etária e escolaridade.

V.D	Regular	Desvio	Total
SEXO			
Homem	3 18%	14 82%	17
Mulher	8 40%	12 60%	20

Tabela 9. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) ¹¹ e a variável “sexo”.

Nessa primeira tabela, pode-se perceber a influência da variável sexo no processo de monotongação. Os informantes do sexo masculino utilizaram 3 construções regulares enquanto as informantes do sexo feminino produziram 8 ocorrências em relação a variável (0). Já quanto à variação, tanto os homens como as mulheres demonstraram um número próximo de ocorrências. Eles foram responsáveis por 14 realizações e elas por 12, totalizando 26 ocorrências de desvio em oposição a 11 realizações da norma padrão. O índice percentual mais alto foi apresentado pelos homens, com 82%, ao passo que as mulheres tiveram o peso restringido a 60%. A variável independente “sexo” não foi de fundamental relevância para a ocorrência da monotongação, pois tanto os homens como as mulheres utilizaram, em maior parte, as formas variáveis em sua linguagem, colocando a norma regular apenas na fala altamente monitorada.

A variação é de melhor percepção no gráfico a seguir.

¹¹ As três próximas tabelas são relativas ao mesmo fenômeno: monotongação.

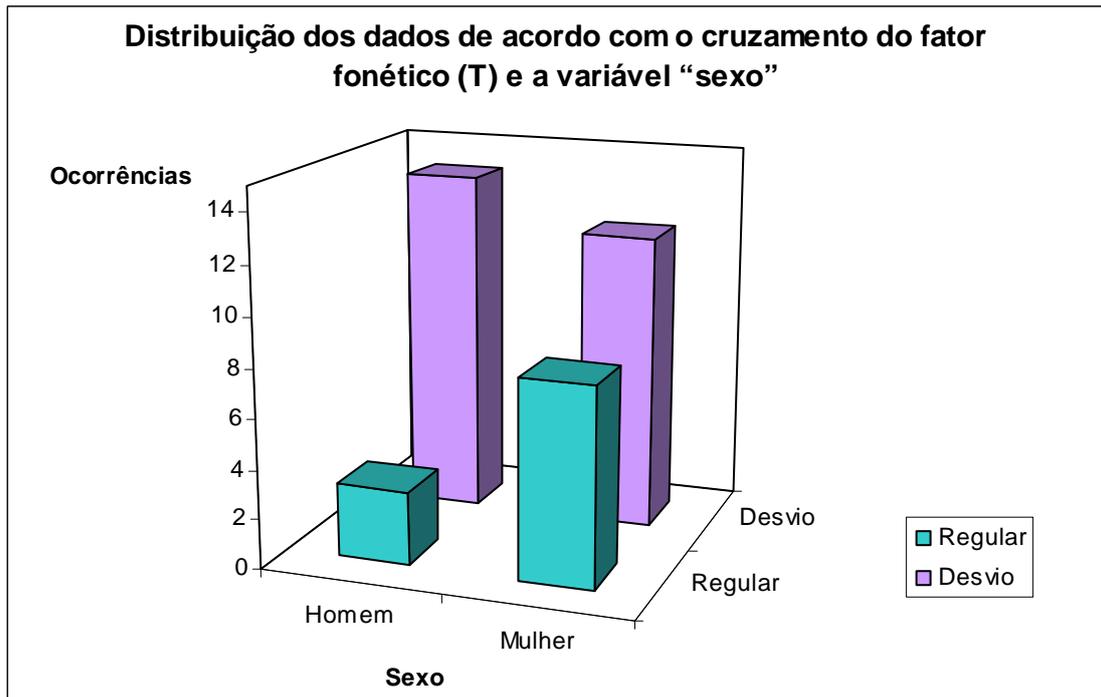


Gráfico 8. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “sexo”.

Na tabela abaixo, mostra-se a relação entre o processo de monotongação e a variável “faixa etária”.

	V.D.	Regular	Desvio	Total
Faixa etária				
18 a 35 anos	7	11	18	
	39%	61%		
50 a 65 ou mais	4	15	19	
	21%	79%		

Tabela 10. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “faixa etária”.

A tabela 10 mostra, em relação ao fator fonético (T), que houve 7 ocorrências da construção regular entre os informantes jovens, o que representa 39% de aplicação da norma na comunidade de Paranhos. Em relação ao mesmo fenômeno variável, ocorreram, também entre os jovens, 11 formas da aplicação da regra variável, o que resultam em 61% de variação. Os informantes da segunda faixa etária tiveram 4 ocorrências da construção regular, tendo um percentual variacional de 21%, contudo o desvio teve uma porcentagem de 79% maior do que a norma, com 15 ocorrências do total dos dados dessa comunidade.

Abaixo segue um gráfico com a representação da variação discutida.

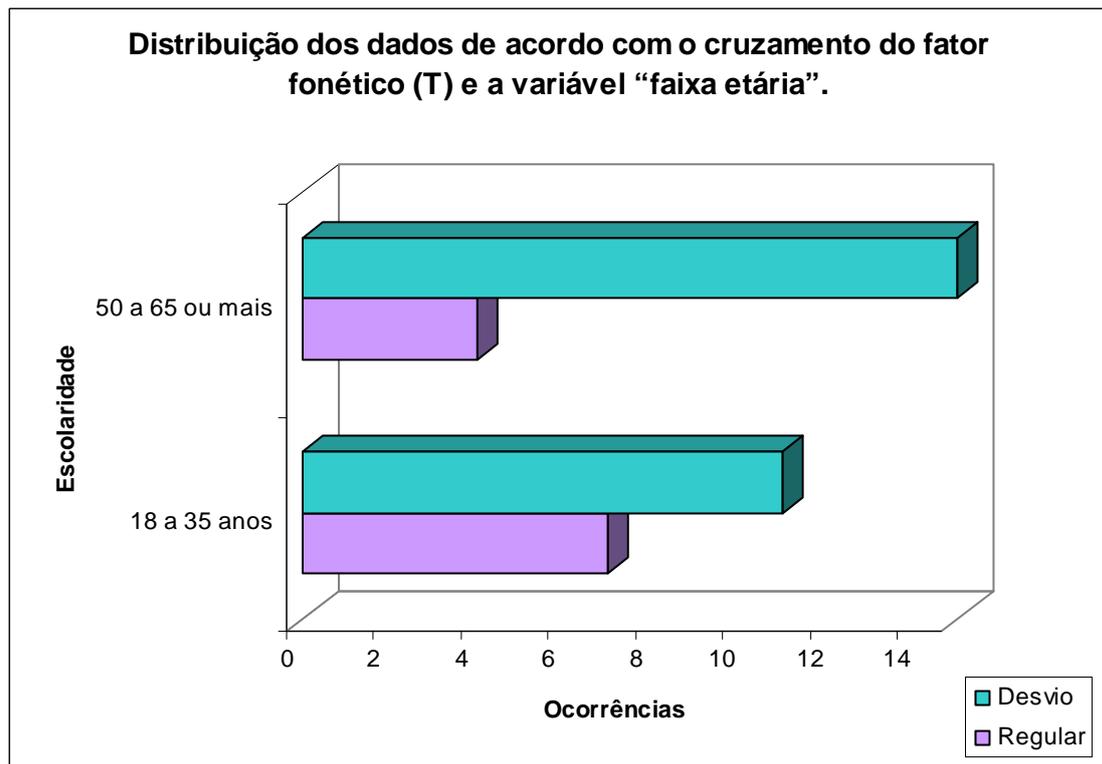


Gráfico 9. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “faixa etária”.

A tabela abaixo apresenta o último cruzamento relacionado ao fator fonético (T).

	V.D.	Regular	Desvio	Total
Escolaridade				
Escolarizados		10 29%	24 71%	34
Analfabetos		1 33%	2 67%	3

Tabela 11. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “escolaridade”.

Aqui, a variação é bem presente, independentemente de os informantes serem escolarizados ou não. A construção regular teve 10 ocorrências entre os escolarizados e apenas 1 entre os analfabetos, em face do baixo índice de habitantes analfabetos no local. O índice percentual foi de 29% nos informantes com escolaridade e de 33% nos que nunca tiveram educação escolar.

Todavia, a aplicação da regra variável teve 24 ocorrências dos escolarizados e 2 dos analfabetos, representando 71% e 67%, respectivamente.

Todas essas variações são percebidas, mais claramente, no gráfico 10.

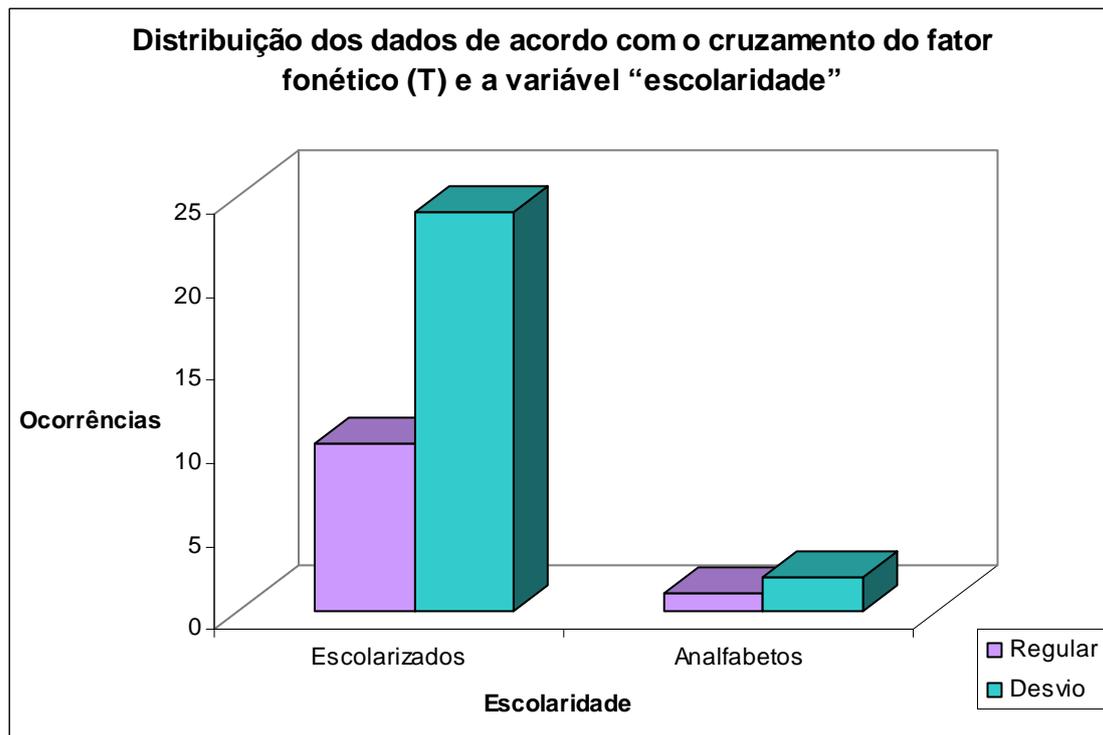


Gráfico 10. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (T) e a variável “escolaridade”.

4.1.6 Rotacismo

É o processo fonético em que a consoante vibrante alveolar /r/ se realiza no lugar da consoante lateral /l/, isto é, o fenômeno apresentado quando há a troca de [l] por [r] e que representa a fala estigmatizada dos brasileiros ou a fala característica das regiões rurais como: *froresta*, *prano*, *brusa*, *brefe*, *craro*, *probrema*, entre outros, ao contrário dos demais fenômenos estudados, que não geram estigmatização.

Segundo Mollica (2007, p.59):

Para o processo do rotacismo /l/ para/r/ e a supressão do /r/ para /l/, os estudos diagnosticaram o controle forte de fatores sociais e estruturais. Sabe-se que o uso de /r/ por /l/ em grupos consonantais como em Flamengo ~ Framengo é freqüente em indivíduos de baixa escolarização. Possuidores de no máximo, o nível primário, eles têm situação sócio-econômica baixa e ocupam postos profissionais que não lhes exigem ajuste à norma culta.

Esse fenômeno decorre da permanência do fonema /l/ no Latim, como, por exemplo, os vocábulos *flaca* e *blanca* utilizados para representar *fraca* e *branca* no PB.

Na fala dos moradores da comunidade de Paranhos, o rotacismo é um fenômeno que representa 34% do total dos dados levantados.

ocorrências	transcrição fonética	informante
revórvi	[heʎvɣvɣ]	1RHNE
purmão	[puʎmɔw]	1RHVE
crara	ʎ&ɣɣɣɣɣ	1RMNE
fórfuru	ʎʎʎɣɣɣɣɣ	1RMNE

Quadro 4 : exemplificação do processo de rotacismo em Paranhos

Os vocábulos de exemplificação do fenômeno (R) foram [heʎvɣvɣ], [puʎmɔw], ʎ&ɣɣɣɣɣ e ʎʎʎɣɣɣɣɣ. Os primeiros itens lexicais, [heʎvɣvɣ] e [puʎmɔw], utilizaram a consoante aproximante retroflexa [ɣ], substituindo a lateral [l], provocando a ocorrência do rotacismo¹². Já nos demais exemplos, em ʎ&ɣɣɣɣɣ a consoante lateral [l] é substituída por um tepe alveolar [ɣ] e em ʎʎʎɣɣɣɣɣ, a consoante fricativa surda [s] é que faz a substituição. Apesar da variação de ponto e modo de articulação dos fonemas /ɣ/ e /ɣ/, ambos podem exemplificar e caracterizar o processo de rotacismo.

A tabela a seguir mostra os valores absolutos e relativos do cruzamento do fator linguístico (R) relacionado à variável “sexo”.

	V.D	Regular	Desvio	Total
SEXO				
Homem	6 40%	9 60%	15	
Mulher	6 32%	13 68%	19	

Tabela 12. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R)¹³ e a variável “sexo”

¹² Em ambos os exemplos o rotacismo ocorre em posição de coda silábica. Segundo Costa (2006), "o fenômeno do rotacismo, substituição de uma lateral alveolar por um tepe no ataque complexo e na coda silábica, é um caso de variação estável no português."

¹³ As três próximas tabelas são relativas ao mesmo fenômeno: rotacismo.

Na tabela 12, quanto à variável gênero, os resultados revelam que homens e mulheres tiveram 6 construções regulares, isto é, obedecem à norma culta, que representam 40% do índice percentual. Em contrapartida, os homens utilizaram menos a aplicação da regra variável do que as mulheres. Os primeiros tiveram 9 ocorrências, enquanto as mulheres, 13. Sendo esses os valores de frequência, o valor relativo variacional foi de 60% e 68% respectivamente. Pode-se dizer que as mulheres da comunidade de Paranhos aplicam mais o fenômeno do rotacismo e variam em maior quantidade que os homens, como representa, também, o gráfico a seguir.

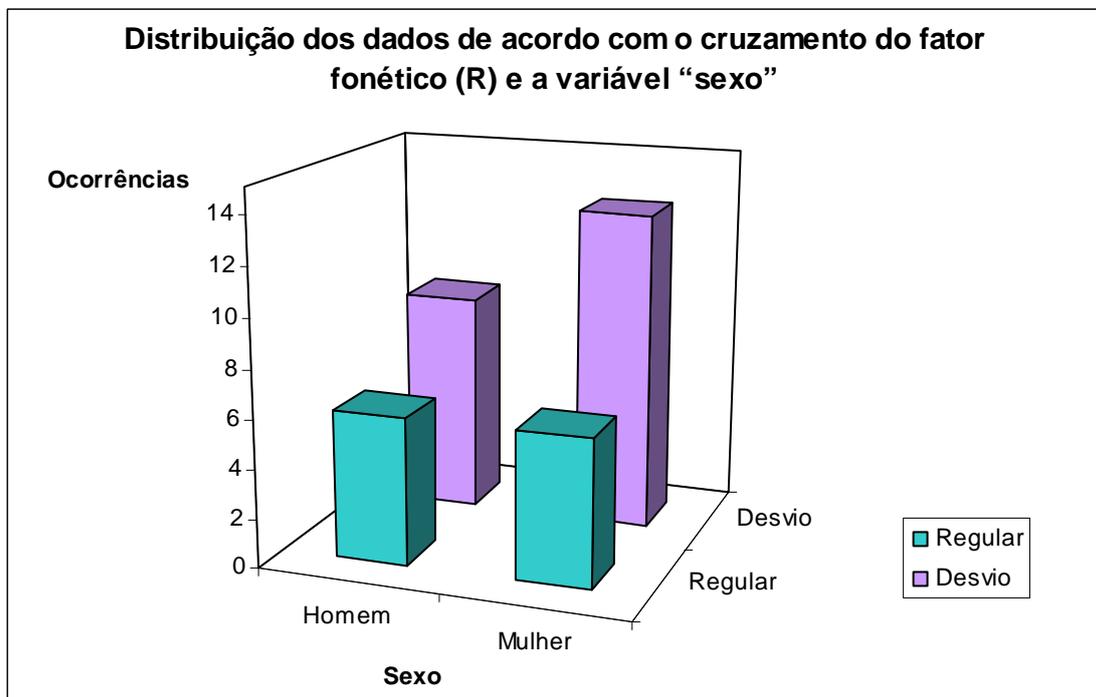


Gráfico 11. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável "sexo".

	V.D.	Regular	Desvio	Total
Faixa etária				
18 a 35 anos	7 37%	12 63%	19	
50 a 65 ou mais	5 33%	10 67%	15	

Tabela 13. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável "faixa etária".

Na tabela 13, vê-se o cruzamento do fator fonético (R) com a variável extralinguística "faixa etária". No que concerne aos jovens, houve 7 realizações da

construção regular, representando 37% da porcentagem em oposição a 12 ocorrências de desvio, somando 63% do índice percentual.

Entretanto, os idosos, informantes pertencentes à segunda faixa etária, tiveram 5 ocorrências da forma regular e o dobro de realizações da aplicação da regra variável, que compõe o peso absoluto. A porcentagem respectiva dessas realizações foi de 33% e 67%.

Pode-se dizer que a tendência à variação e aplicação do processo de rotacismo está presente tanto nos jovens como nos idosos e que a faixa etária não é fator determinante e condicionador da variação linguística.

O gráfico 12 mostra essa mesma discussão referente ao fator (R).

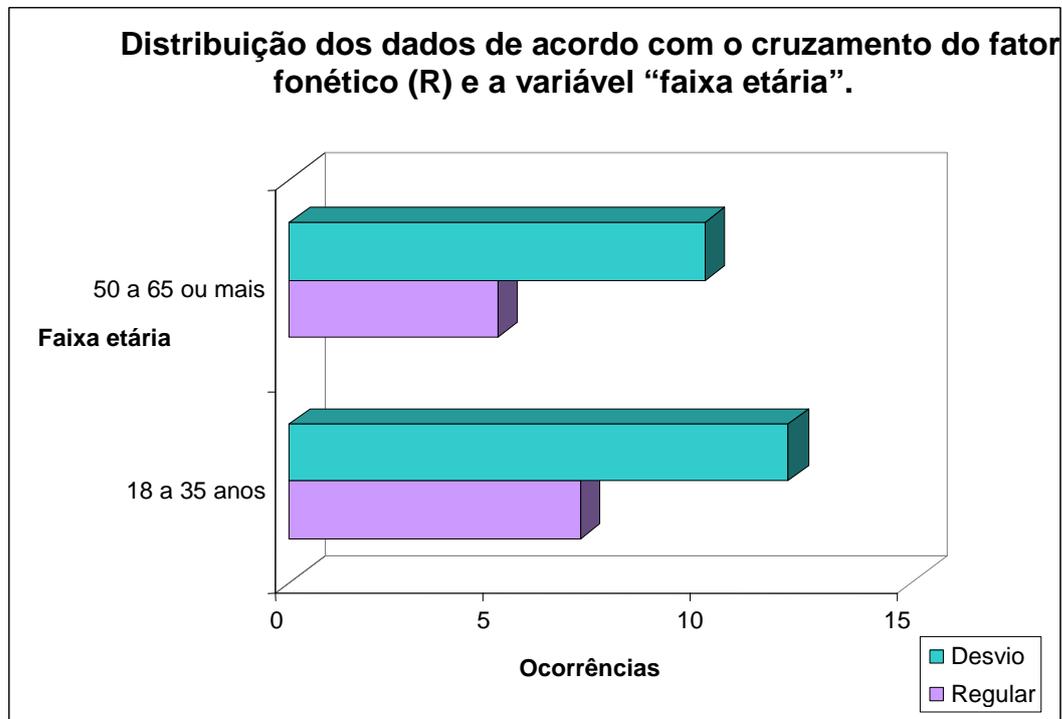


Gráfico 12. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “faixa etária”.

V.D.	Regular	Desvio	Total
Escolaridade			
Escolarizados	11 35%	20 65%	31
Analfabetos	1 33%	2 67%	3

Tabela 14. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “escolaridade”.

De acordo com a tabela 14, quanto ao fator fonético (R), a variável independente “escolaridade” tem certa influência no uso das construções que caracterizam a variação linguística. Os informantes escolarizados tiveram 11 exemplos de construções regulares em oposição a apenas 1 dos informantes analfabetos, contando com um percentual de 35% e 33%. Esse percentual se aproxima por causa da escassez de informantes analfabetos na comunidade de Paranhos. Os informantes escolarizados utilizaram 20 ocorrências que caracterizam o desvio, enquanto os analfabetos contaram apenas com duas produções. A porcentagem foi maior com relação à variação, de 65% e 67%, valores esses de possível equivalência.

Vê-se essa variação também no gráfico a seguir.

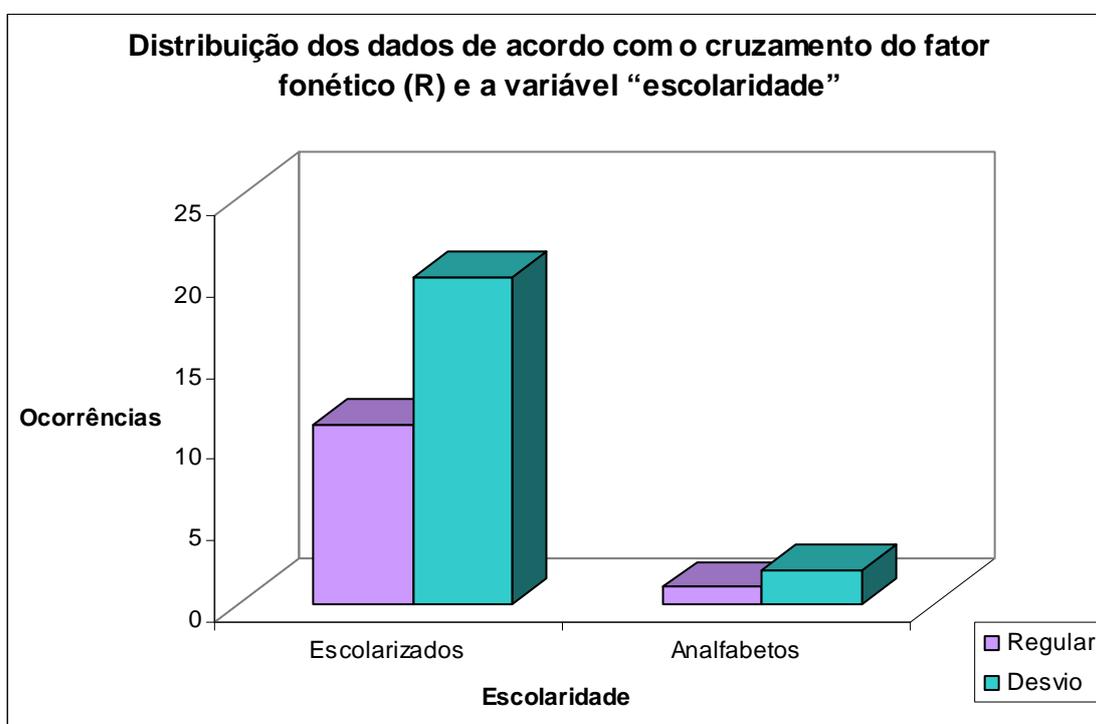


Gráfico 13. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (R) e a variável “escolaridade”.

4.1.7 Elisão

É o processo pelo qual há a supressão da vogal final átona quando é seguida por outra palavra que se inicia por vogal.

De acordo com Bisol (1992, p.23), a elisão é favorecida pela presença de sequências com duas vogais, que, por ressilabação, ficam sob o domínio da mesma

sílaba. Tem-se como exemplo “casa azul”, que, na cadeia da fala pode ser transcrita como [kɐsɐ‿azul]. Nesse exemplo, pode-se ver o apagamento da vogal baixa /a/, que pode ser da vogal final átona da primeira palavra ou da vogal inicial da segunda palavra.

A tabela 14 mostra a distribuição dos dados conforme o fator linguístico (G) e a variável extralinguística “sexo”:

V.D	Regular	Desvio	Total
SEXO			
Homem	0 0%	7 100%	7
Mulher	1 12%	7 88%	8

Tabela 15. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) ¹⁵ e a variável “sexo”.

Nesta tabela, pode-se ver a inclinação dos informantes à utilização da forma variante em detrimento da aplicação da construção regular. Tanto os homens quanto as mulheres tiveram realizações pouco numerosas da construção regular: os homens não tiveram ocorrências, enquanto as mulheres tiveram apenas uma ocorrência, totalizando um peso relativo respectivamente de 0% e 12%. Em contrapartida, com relação à variável independente “sexo”, os homens e as mulheres tiveram o mesmo número de ocorrências do fator fonético (G), 7, e apresentaram um peso relativo de 100% e 88%, respectivamente.

O processo de elisão utilizado pela maioria dos informantes de Paranhos teve um grande valor variacional em comparação aos outros fenômenos já vistos anteriormente.

¹⁵ As três próximas tabelas são relativas ao mesmo fenômeno: elisão.

Também pode ser percebida essa variação no gráfico a seguir.

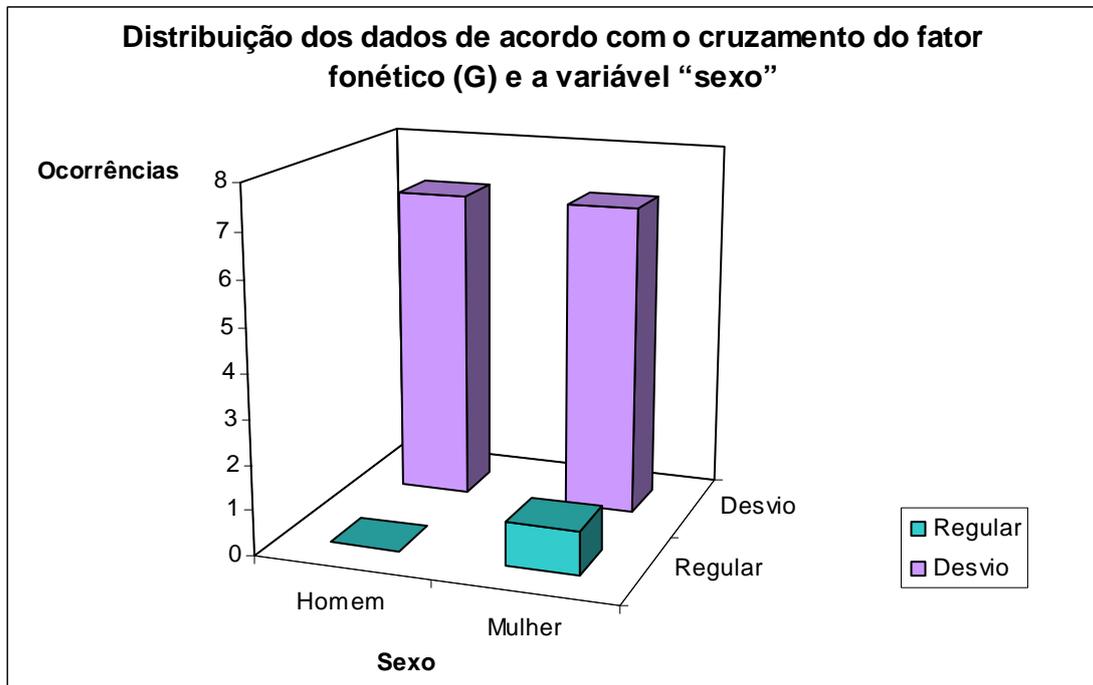


Gráfico 14. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “sexo”.

V.D \ SEXO	Regular	Desvio	Total
18 a 35 anos	1 14%	6 86%	7
50 a 65 ou mais	0 0%	8 100%	8

Tabela 16. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “faixa etária”.

Na tabela 16, a variável do cruzamento com o fator linguístico (G) é a “faixa etária”. Os jovens pertencentes à primeira faixa etária fizeram apenas 1 uso da construção regular e 6 usos da variação, fechando um percentual de 14% para a norma culta e 86% para a variação linguística.

Já os idosos, pertencentes à segunda faixa etária entrevistada, não tiveram realizações nas construções regulares, mas tiveram 8 realizações relacionados à variável dependente (1). O índice percentual, nessa ocasião, aumentou devido à grande variação encontrada nesse fenômeno de elisão: foi de 0% a 100%.

O gráfico 15 mostra efetivamente essa variação.

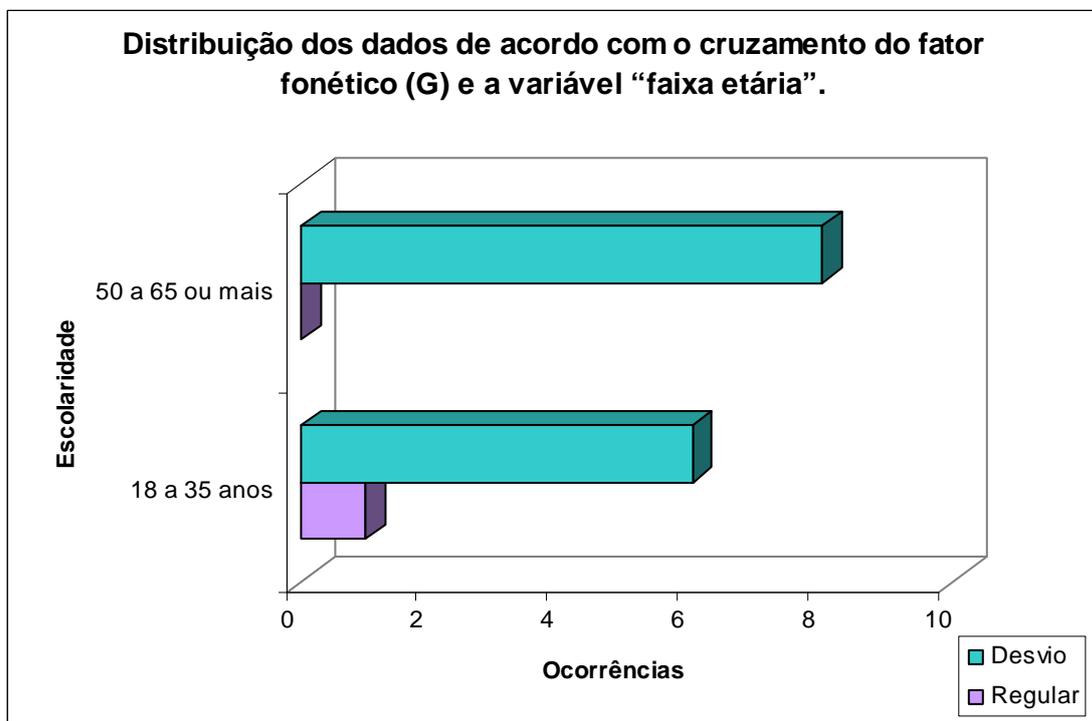


Gráfico 15. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “faixa etária”.

V.D. \ Escolaridade	Regular	Desvio	Total
Escolarizados	1 7%	13 93%	14
Analfabetos	0 0%	1 100%	1

Tabela 17. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “escolaridade”.

Quanto à variável independente “escolaridade” em relação ao fator fonético (G), houve, pela primeira vez, uma ocorrência variacional maior entre os não escolarizados mesmo tendo apenas uma informante analfabeta entre os entrevistados.

O grupo dos escolarizados obteve 1 construção regular, relacionada à variável dependente (0) em oposição a 13 ocorrências de variação, referente à variável dependente (1), tendo um percentual de (0) de 7% em relação ao peso relativo de (1), que foi de 93%.

O grupo dos analfabetos teve, no entanto, apenas 1 realização do desvio, isto é, da variação, tendo um percentual de 100%, sua totalidade máxima. Não houve nenhum registro de ocorrência da construção regular, portanto, o peso relativo variacional referente à variável dependente (1) foi de 0%.

O último cruzamento da variável “escolaridade”, em relação ao fator fonético (G), é mostrado a seguir.

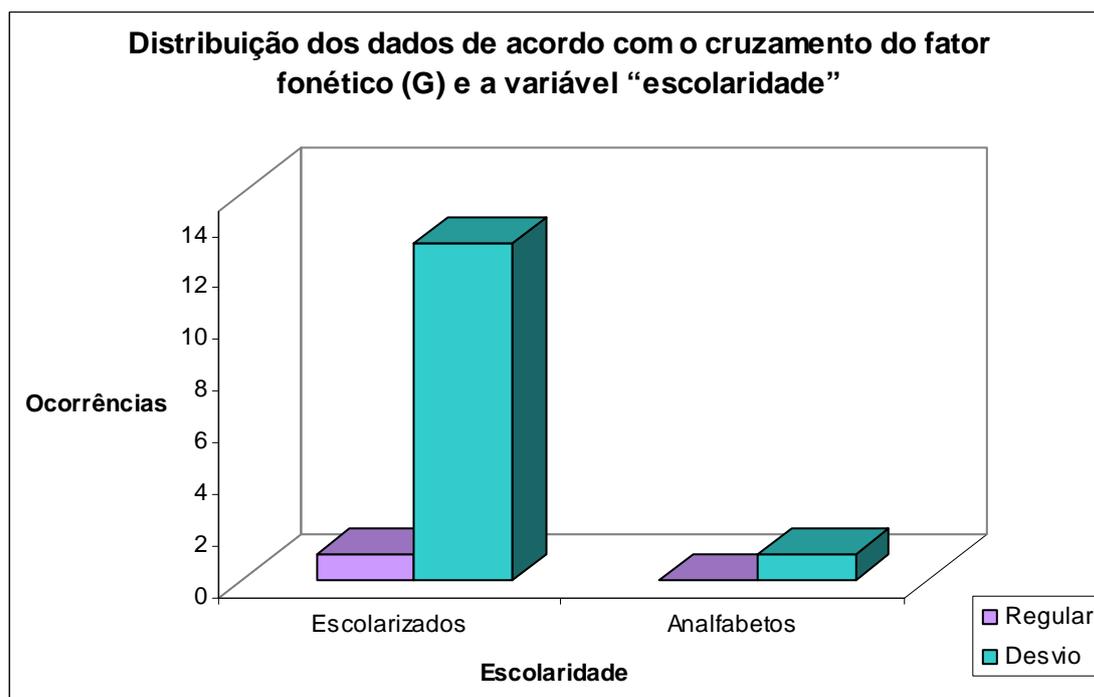


Gráfico 16. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento do fator fonético (G) e a variável “escolaridade”.

Não houve nenhum registro do processo de lambdacismo, ao contrário do que demonstra o ALMS, trabalho pertinente ao falar sul-mato-grossense.

O próximo passo do VARBRUL em relação à interpretação de significação da variável dependente (1) será nos resultados da função múltipla.

Nessa etapa, de acordo com o programa Goldvarb 2001, nos dados coletados na comunidade de Paranhos, os fatores fonéticos, também chamados de fatores linguísticos, foram os que tiveram maior variação, são eles: alçamento das pretônicas [e] e [o]; vocalização do [l]; motongação; rotacismo e elisão. Quando esses fatores foram cruzados com os fatores extralinguísticos, sexo, faixa etária e escolaridade, a porcentagem de variação foi insignificante, o que comprova que a

variável, denominada dentro do programa como sendo a primeira é a que se destaca.

Assim, o peso da variação foi de maior divergência, ou seja, de maior alternância de valores dentro do campo dos fatores fonéticos, ou dos próprios fenômenos linguísticos, quando comparados a eles mesmos. Essa afirmação pode ser comprovada com os valores a seguir. O fenômeno de alçamento das pretônicas teve um peso de 0,375; a elisão teve 0,074; a vocalização teve 0,072, valor próximo do fenômeno anterior, porém bem mais baixo do que o primeiro. O rotacismo teve um peso de 0,378 e a monotongação de 0,320.

Quanto ao cruzamento dos fatores extralinguísticos, os valores variaram insignificadamente, como se vê a seguir. Na primeira variável, "sexo", os valores de peso variacional para os homens foram de 0,502 e, para as mulheres, de 0,498, valores bem próximos, o que facilita dizer que os resultados não foram significativos. O mesmo acontece com as próximas variáveis independentes. No caso da faixa etária, os valores foram de 0,506 para os jovens, contraposto a 0,494 para os idosos, valores tão próximos quanto aos da variável discutida anteriormente. Contudo, para reafirmar a insignificância da variação entre esses fatores, ou comprovar que eles não têm influência sobre a variação linguística em Paranhos, vê-se os valores do último fator extralinguístico, a escolaridade. Nesse item, os escolarizados tiveram um peso de 0,502, enquanto os analfabetos contaram com um peso de 0,476.

No gráfico abaixo, gerado pelo programa Varbrul, no level I, podem-se ver as alternâncias das variações linguísticas presentes nessa análise fonético-fonológica. Os pontos mais próximos da reta indicam a construção regular, enquanto os pontos mais afastados indicam a variação linguística presente na fala dos habitantes de Paranhos.

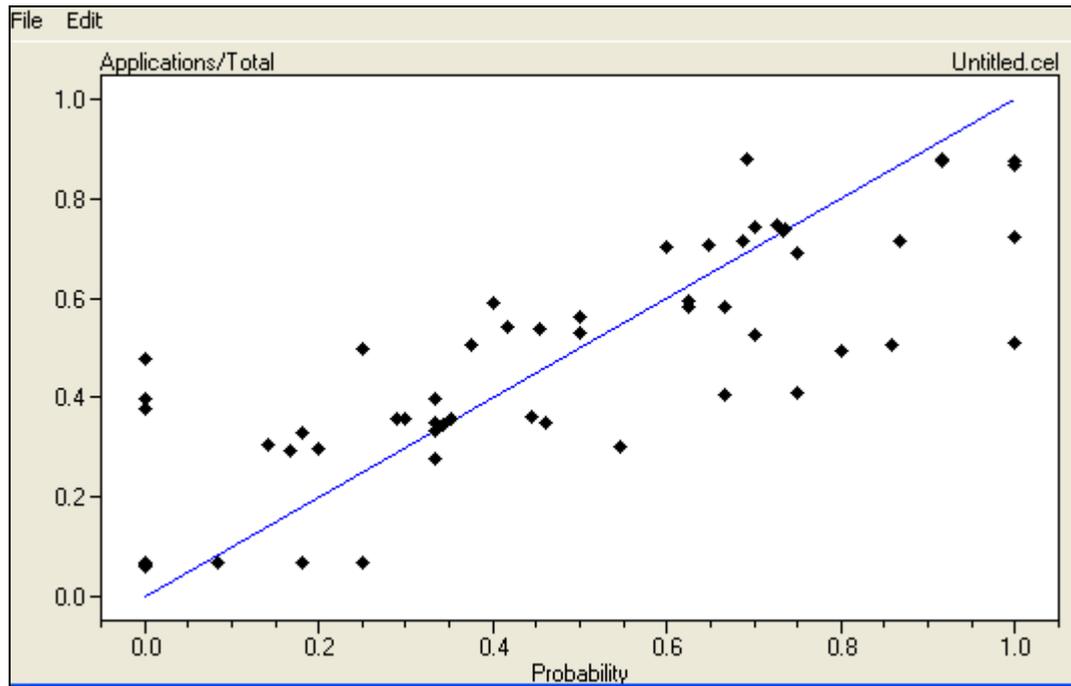


Gráfico 17: Distribuição variacional fonético-fonológica – Level

Nessa visão, pode-se dizer que, realmente, os fatores fonéticos do alçamento, monotongação, vocalização, rotacismo e elisão influenciam a variação na fala dos habitantes de Paranhos - MS. Outros estudos de cunho sociolinguístico nessa localidade aprofundarão esses dados e permitirão uma visão mais detalhada da fala em Paranhos.

4.2 Interpretação dos dados semântico-lexicais na comunidade de Paranhos:

4.2.1 O léxico

Krieger & Isquerdo (2001, p.15) salientam que:

Na história de diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura.

Assim, o homem, desde sempre, utiliza o léxico de uma língua para dar nome aos seres e objetos, registrando e nomeando as coisas que o rodeiam e que fazem parte de sua realidade. Assim, o homem agrupa e compara os objetos que o rodeiam, identificando as semelhanças e diferenças existentes entre eles, fato que os individualiza, tornando cada coisa diferente da outra. Depois de classificadas, o homem atribui um nome a cada item e, dessa forma, o léxico de uma língua é criado.

De acordo com Biderman (2001, p.10),

a criação do léxico tem se processado por meio de atos consecutivos de aquisição da realidade e da categorização das experiências que se cristalizam em signos lingüísticos, as palavras.

A palavra, bem comum a todos, é o elemento do qual a sociedade faz uso todos os dias para nomear coisas, formar frases e se comunicar com as outras pessoas. Esse léxico aumenta ou cresce de acordo com a necessidade que temos de nomear novas coisas. Em face disso, não sabemos todas as palavras de um léxico, pois, ele está em constante mudança. Não raro aprendemos vocábulos novos.

Citando, ainda, Biderman (2001, p.11):

Não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua... [...] essa unidade psicolinguística se materializa no discurso com uma inegável individualidade.

Dando relevância à língua falada, nosso principal interesse neste capítulo da pesquisa é descrever e interpretar o léxico como um fator cultural e determinante social, visto que pode variar de acordo com vários aspectos, como região, idade, sexo, escolaridade, origem, religião, entre outros.

O léxico é algo que nasce e se desenvolve e é constantemente inserido na mente do falante de dada comunidade de fala. Se os falantes realizam a variação, o léxico também varia, em algumas ocasiões, gerando a mudança linguística e em outros momentos não. Pode-se dizer, assim, que o léxico reflete a situação cultural de uma comunidade, que os itens lexicais refletem o modo de vida dos falantes da comunidade em questão, seus hábitos e costumes, a maneira como enfrentam seu dia-a-dia, como se portam perante a realidade, como se organizam, entre outras coisas. O léxico não apenas surge, ele vai sendo criado dentro da mente dos falantes de acordo com as experiências linguísticas de cada um. Essa é a causa de alguns terem conhecimento de maior número de itens lexicais de sua localidade do que outros.

Oliveira (2008, p.109) afirma:

Na formação de uma língua é preciso considerar a influência exercida pelo ambiente através da experiência social. Este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui. De um modo geral, podemos considerar como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua, a partir do momento em que ele passa a exprimir todos os valores de um determinado grupo social e, sobretudo, satisfazer suas necessidades de comunicação.

Assim, todos nós somos dotados da capacidade de criar itens lexicais que poderão ser pertinentes à sociedade na qual estamos inseridos. E como o léxico reflete a sociedade em que ele se encontra, ele tende a ser algo sempre em movimento, em variação, que nunca se encontra estático, assim como a língua.

Biderman (1985, p.203) afirma que:

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua.

4.2.2 O léxico em Paranhos

Na comunidade de fala de Paranhos, focou-se a importância de exemplificar o léxico, do ponto de vista da influência de outros Estados, especialmente Paraná e Rio Grande do Sul, considerado o processo de povoamento da região¹⁶. Houve muitos itens lexicais divergentes de vários estados do Brasil. Alguns caracterizam regionalismos, enquanto outros são próprios da fala de todos os lugares.

Observou-se, por meio da rodagem do programa Goldvarb 2001, como foi construído o léxico na comunidade, quais os componentes lexicais que mais retratam a realidade da localidade em seus aspectos socioculturais.

Com relação a isso, Isquerdo (2001, p.91) afirma que:

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema lingüístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados a história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo.

Diante do exposto e como forma de representar a visão de mundo e o léxico em Paranhos, o questionário aplicado para obtenção dos vocábulos a serem pesquisados foi retirado do ALMS, projeto coordenado pelo Professor Doutor Dercir Pedro de Oliveira com a finalidade de mapear a fala do estado de Mato Grosso do Sul, e adaptado à comunidade de Paranhos. Esse rol de perguntas apresenta palavras de 12 campos semânticos, o que enriquece o número e quantidade de dados analisáveis:

1. Fatores atmosféricos;

¹⁶ A região, após a guerra do Paraguai sofreu grandes influências de povos distintos, como Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, devido às migrações. Tais influências contribuíram para a variação lingüística existente no local.

2. Flora;
3. Fauna;
4. Corpo humano;
5. Doenças;
6. Características físicas;
7. Cultura e convívio;
8. Ciclos da vida;
9. Alimentação;
10. Vestimentas;
11. Trabalho;
12. Brincadeiras e lazer.

4.2.3 Variáveis

Para alcançar e definir valores absolutos e percentuais dos campos semânticos, codificaram-se os fatores linguísticos e os fatores extralinguísticos na rodada do programa Varbrul da seguinte forma:

Fatores linguísticos

Variável Dependente

Grupo 1: aplicação ou não da regra

1 – regionalismo

∅ – não regionalismo

Fatores extralinguísticos

Variáveis Independentes

Grupo 2: campos semânticos

T - fatores atmosféricos

F - flora

B - fauna

C - corpo

D - doenças

Q - características físicas

Z - cultura e convívio

X - ciclos da vida

L - alimentação

U - vestimentas

R - trabalho

P - brincadeiras e lazer

Grupo 3 : variável sexo

H – homens

M – mulheres

Grupo 4 : variável faixa etária

N – jovem (até 35 anos)

V – idoso (mais de 50 anos)

Grupo 5 : variável escolaridade

E – escolarizado

A – instrução rudimentar

A seguir, será apresentada a tabela 18, em que é possível ver o valor absoluto e relativo de cada campo semântico, quanto à variação linguística.

Campos Semânticos	Regular	Desvio	Total
T Fatores atmosféricos	37 21%	134 78%	171 15%
F Flora	11 20%	42 79%	53 4%
B Fauna	21 14%	120 85%	141 12%
C Corpo	49 53%	42 46%	91 8%
D Doenças	14 22%	48 77%	62 5%
Q Características físicas	3 5%	54 94%	57 5%
Z Cultura e convívio	11 11%	83 88%	94 8%
X Ciclos da vida	42 47%	47 52%	89 7%
L Alimentação	116 61%	73 38%	189 16%
U Vestimentas	4 13%	26 86%	30 2%
R Trabalho	20 35%	37 64%	57 5%
P Brincadeiras e lazer	48 60%	31 39%	79 7%
TOTAL	376 33%	737 66%	1113

Tabela 18. Distribuição dos campos semânticos de acordo com a variável dependente.

Das 1113 ocorrências presentes no corpúsculo dos dados semântico-lexicais da fala da comunidade de Paranhos, 171 se referem ao campo semântico dos fenômenos atmosféricos; 53 correspondem a vocábulos relacionados à flora; 141 se referem à fauna; 91 palavras designam partes do corpo humano; 62 abordam as doenças; 57 fazem parte das características físicas; 94 abrangem a cultura e o convívio; 89 correspondem aos ciclos da vida; 189 a alimentação; 30 as vestimentas; 57 ao trabalho e, por fim, 79 designam brincadeiras e lazer (anexo). O maior número de ocorrências foi visto no campo semântico (L), relacionado à

alimentação, com 189 realizações, que atingiu 16 % do valor total de todos os campos semânticos, como pode ser visto no gráfico abaixo:

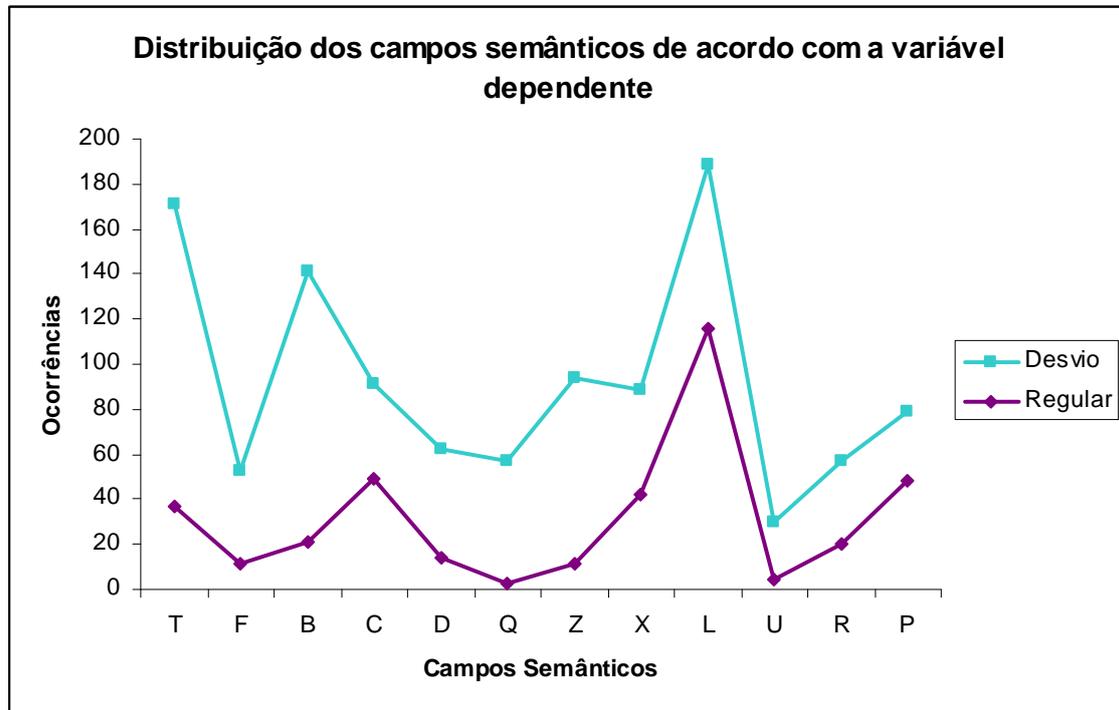


Gráfico18. Distribuição dos campos semânticos de acordo com a variável dependente

Tais campos semânticos foram cruzados com as variáveis extralinguísticas e obtiveram-se as tabelas, a seguir:

V.D \ SEXO	Regular	Desvio	Total
Homem	193 31%	420 68%	613 55%
Mulher	183 36%	317 63%	500 44%

Tabela 19. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável "sexo".

Por meio dos resultados da tabela 19, percebe-se que a variável independente "sexo" não apresentou distinção entre a fala de mulheres e de homens. Na comunidade de Paranhos, os homens tiveram 193 construções regulares em oposição a 420 ocorrências de desvio, ou seja, variação, enquanto as mulheres apresentam 183 construções regulares e 317 desvios. Pode-se dizer que essa variável foi de pouca importância e relevância para caracterizar a variação

presente nos campos semânticos, já que a porcentagem de construções regulares ficou em torno de 31% e os desvios em torno de 68%, nos homens, e em 36% de usos da norma e 63% de variação nas mulheres. O gráfico 19 apresenta os mesmos resultados acima.

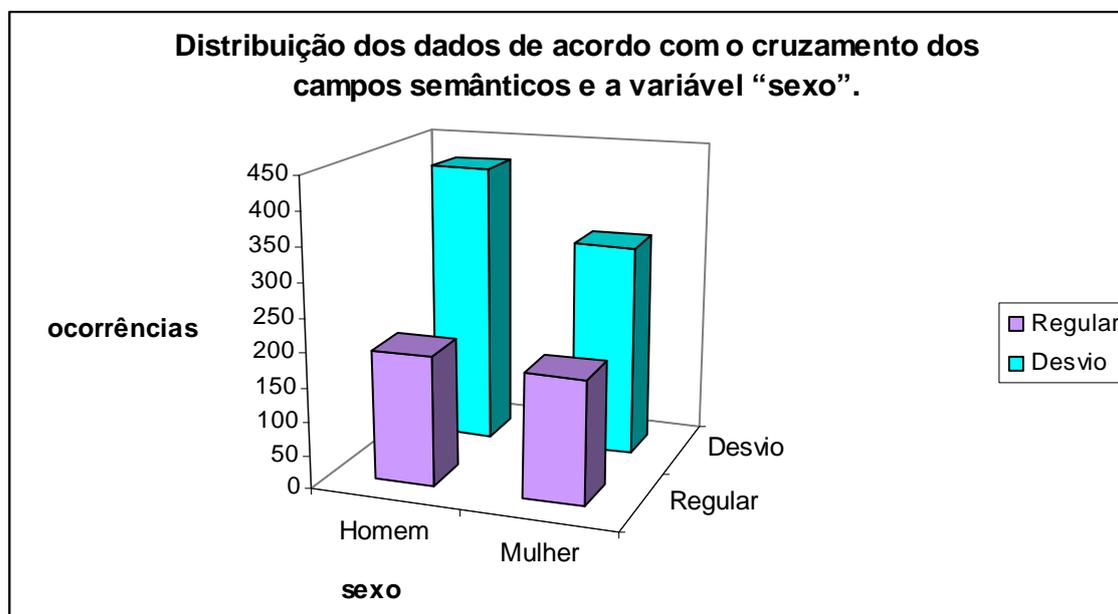


Gráfico 19. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável "sexo".

V.D.	Regular	Desvio	Total
Faixa etária			
18 a 35 anos	154 30%	353 69%	507 45%
50 a 65 ou mais	222 36%	384 63%	606 54%

Tabela 20. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável "faixa etária".

Em consonância com a tabela 20, há resultados muito próximos aos da tabela 19, referente à variável independente "sexo": tanto os jovens como os idosos utilizam na fala cotidiana mais sequências variacionais do que a regular. Enquanto nos jovens há 154 ocorrências em relação à variável dependente (0), os idosos usam 222 ocorrências, entretanto, estes mesmos fizeram uso de 384 ocorrências relativas à variável (1), ao passo que aqueles tiveram 353 ocorrências. Assim, o percentual dos idosos ficou com 63% das ocorrências relacionadas ao fator (1) e os jovens, 69%, o que comprova a afirmação de que ambos contribuem, mas não são suficientes para influenciar a variação existente na comunidade de Paranhos.

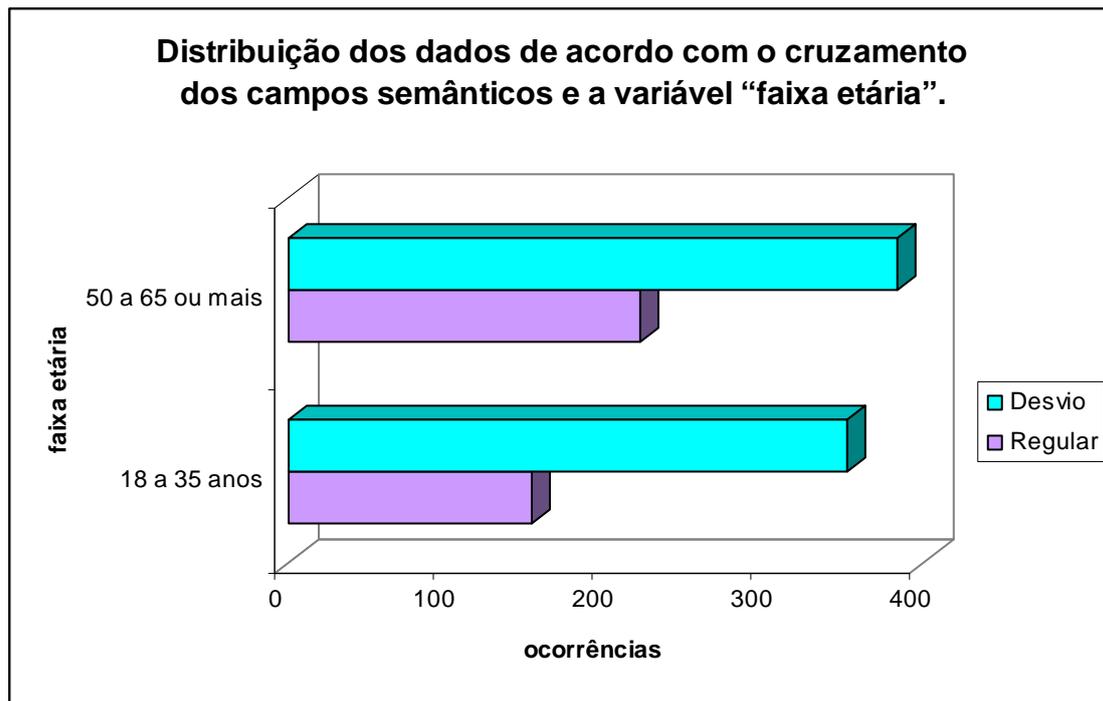


Gráfico 20. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “faixa etária”

V.D.	Regular	Desvio	Total
Escolaridade			
Escolarizados	353 33%	688 66%	1041 93%
Analfabetos	23 31%	49 68%	72 6%

Tabela 21. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “escolaridade”.

Esta tabela mostra-nos que a variação é bem presente. A construção regular teve 353 ocorrências entre os escolarizados e apenas 23 entre os analfabetos, devido ao baixo índice de habitantes analfabetos no local. O índice percentual foi de 33% nos informantes com escolaridade e de 31% nos que nunca tiveram educação escolar formal.

Todavia, a aplicação da regra variável teve 688 ocorrências dos escolarizados e 49 dos analfabetos, representando 66% e 68% respectivamente. No

total de realizações, os escolarizados tiveram um índice percentual de 93%, ao passo que os analfabetos contaram apenas com 6% das ocorrências.

A variável independente “escolaridade” foi de grande influência para a variação. Foi um grupo de destaque apontado pelo programa Varbrul, juntamente com o grupo 1, dos campos semânticos propriamente ditos.

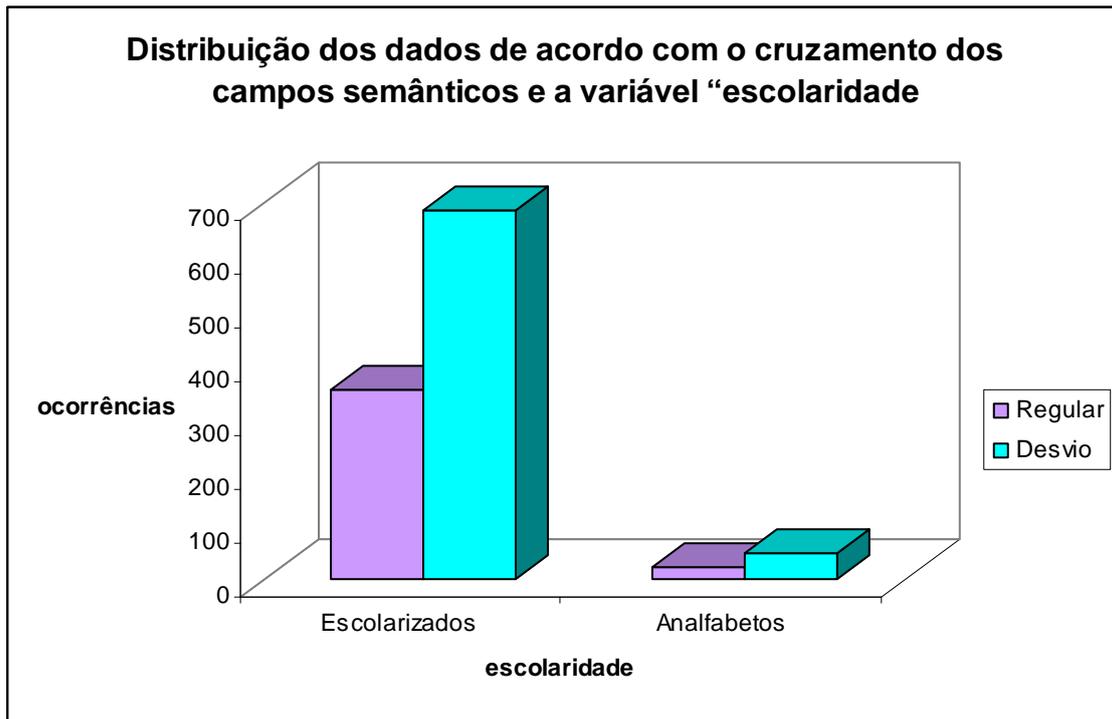


Gráfico 21. Distribuição dos dados de acordo com o cruzamento dos campos semânticos e a variável “escolaridade”.

Todas essas variantes linguísticas podem ser vistas no gráfico a seguir, rodado pelo programa Varbrul de acordo com as variações presentes no aspecto semântico-lexical da comunidade de Paranhos.

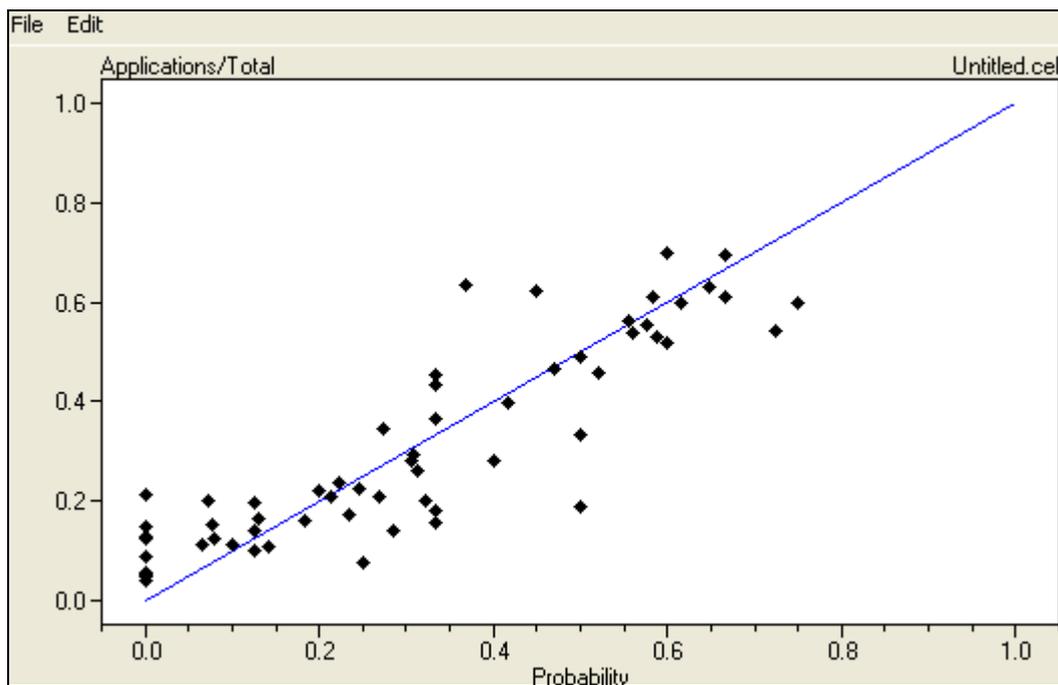


Gráfico 22: Distribuição variacional semântica-lexical - Level

4.2.4 Descrição lexical

De acordo com Ferreira (2007, p. 251),

As línguas são heterogêneas, variam constantemente, condicionadas a fatores de ordem lingüística e extralingüística. Essas variações demonstram a identidade regional e sociocultural dos usuários de uma mesma língua. A descrição dessas variantes lingüísticas permite que se conheçam as diversas formas de nomeação existentes na riqueza lexical dos seus falantes. Mostram, ainda, que as diferentes comunidades, embora morem em um mesmo país, compreendem o mundo de diversas maneiras, de acordo com seus costumes e da sua região, e isso é totalmente refletido em seu modo de falar. Cada falar é diferente, possuindo características particulares que o definem. Sendo a língua o fundamento básico da cultura de um povo, a maneira com que se expressa reflete a sua cosmovisão e suas aspirações.

Desse modo, apresentar o léxico próprio da comunidade de Paranhos e da região sul-mato-grossense contribui para que seu falar seja conhecido e valorizado. Para essa descrição utilizou-se o dicionário Houaiss (2000). Nessa comunidade foram falados vocábulos usados com um sentido próprio, variações de itens lexicais

próprios do estado, são eles: **melissa, pirambóia, muxibo, piriba, quadrinhu, biscaxu, marruá, guisado e bruaca.**

Melissa:

Etimologia: lat. Cien. Gên. *Melissa* (1737), calcado no gr. *mélissa*, és 'abelha', assim nomeada por causa da atração das abelhas por essa planta; cp. o fr. *mélisse* (c1256 sob a f. *melise*), (1764) *mélisse des bois* 'melissa dos bosques', emprt. ao lat. medv. *melissa*, e este, segundo registro no TLF, do gr. *melissóphullon*, comp. de *mélissa* 'abelha' e *phúllon* 'folha'; ver *mel (i)-* e *meliss (o)-*.

Acepções: substantivo feminino Rubrica: angiospermas. 1. design. comum às plantas do gên. *Melissa*, da fam. das labiadas, que reúne três spp., nativas da Europa ao centro da Ásia e do Irã; m.q. **erva-cidreira** (*Melissa officinalis*)

Denominações paranhenses: bananas que nascem grudadas. Melissa, filipe e gêmeas.

Muxibo / muxiba

Etimologia: quimb. *Muxiba* 'músculo, artéria, veia'

Acepções: substantivo feminino. Regionalismo. Brasil. 1. Carne magra; pelanca. 2. Mulher velha e/ou muito feia; bucho. 3. Carne magra e cheia de nervos us. para alimentar animais, especialmente cães. 4. que ou quem é apegado ao dinheiro; avarento, usurário, unha-de-fome, muxibas.

Denominações paranhenses: muxibo (a), pão-duro, mão de vaca e munheca.

Pirambóia

Etimologia: tupi **pira'mboya* 'peixe da família dos lepidossirenídeos' < tupi *pi'ra* 'peixe' + '*mboya* 'cobra'; f.hist. 1938 *piramboia*.

Acepções: substantivo feminino Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Brasil. 1. peixe dipnóico da fam. dos lepidossirenídeos (*Lepidosiren paradoxa*), encontrado na Amazônia e no Paraguai, com cerca de 1,20 m de comprimento, coloração cinza-esverdeada e manchas negras [Peixe pulmonado brasileiro que, em estações secas, permanece enterrado na lama.]

Denominações paranhenses: Peixe pequeno que se parece com uma cobra. Pirambóia, muçum.

Piriba / pinga

Etimologia: regr. de *pingar*, ver *pend*.

Acepções: substantivo feminino. Regionalismo: Brasil. 1. Porção mínima de líquido; 2. gota, porção de bebida que se engole de cada vez; gole, trago
Uso: informal. 3. Bebida alcoólica, esp. aguardente de cana
Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 4. Pessoa embriagada, bêbada. Regionalismo: Minas Gerais. Goteira em telhado.

Denominações paranhenses: *Piriba* é utilizado para designar as mesmas acepções de pinga. Usos: Piriba, pinga, cachaça.

Quadrinho

Etimologia: quadro + - *inho*; ver *quatr-*

Acepções: substantivo masculino. 1. Quadro pequeno; 2. desenho em seqüência, inicialmente sobre cartão e depois em papel ou afim, em preto ou em cores, para fins caricaturais ou humorísticos de amplo espectro de percepção e aceitação [Foi inicialmente destinada à publicação em periódicos e, em seguida, aproveitada para uma seqüência narrativa de base visual em filmes animados, ou histórias em quadrinhos.] quadrinhos.

Denominações paranhenses: o vocábulo quadrinho, na comunidade de Paranhos designa a brincadeira de pular em quadrados pequenos até chegar ao quadrado final. Usos: quadrinho, amarelinha.

Biscaxo / arteiro

Etimologia: *arte* acp. 'astúcia, manha' + - *eiro*; ver *art (i)-*

Acepções: 1. adjetivo que promove artes ou manhas; esperto, artiloso, sagaz.
Regionalismo: Brasil. Que apronta artes ou travessuras.

Denominações paranhenses: arteiro, biscaxo, pateca, bagunceira.

Marruá

Etimologia: segundo Nascentes e AGC, prov. de ²*marruaz* e *marroaz*, donde tb. *marruás*; a datação é para o subst.

Acepções: adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. 1. Diz-se de ou touro bravo, violento; 2. Diz-se de ou novilho domesticado; 3. Diz-se de ou garrote castrado; 4. Diz-se de ou indivíduo inexperiente, calouro, ou que é fácil de enganar.

Denominações Paranhenses: designa animal selvagem. Usos: selvagem, marruá, silvestre, bagual.

Guisado

Etimologia: part. de guisar

Acepções: adjetivo e substantivo masculino. Rubrica: culinária. 1. Diz-se de ou prato que se prepara refogando Ex.: <prefere o carneiro g. ou um peixe?> <um g. de legumes>; 2. Regionalismo: Portugal. Diz-se de ou preparação culinária do tipo do ensopado Ex.: <feijão verde g. com carne> <um g. de batatas e fígado>; 3. Substantivo masculino. Rubrica: culinária. Regionalismo: Sul do Brasil. picadinho de carne fresca ou salgado.

Denominações paranhenses: caribéu, guisado e ensopado de mandioca.

Bruaca

Etimologia: prov. alt. de *burjaca*

Acepções: substantivo feminino. Regionalismo: Brasil. 1. cada um dos sacos ou das malas rústicas de couro cru us. para transportar objetos, víveres e mercadorias sobre bestas, e que se prendem, a cada lado, nas suas cangalhas, ou vão atravessadas na traseira da sela (mais us. no pl.)

Denominações paranhenses: matula, bruaca, marmita, marmitex.

Dos itens lexicais analisados, *melissa* merece destaque por se diferenciar dos outros quanto a sua ocorrência. Esse vocábulo apresenta uma denominação completamente desconhecida para designar as bananas que nascem grudadas. Outros municípios do estado utilizam *filipe* e/ou *gêmeas* para essa denominação. Essa lexia não é vista nem nos estudos realizados pelo ALMS, que engloba vários municípios de Mato Grosso do Sul. Pode-se dizer que há a possibilidade da palavra constituir, ao longo do tempo, uma mudança lexical.

Essa descrição vem a contribuir com o estudo da fala na comunidade de Paranhos e em todo o estado de Mato Grosso do Sul. Estudos mais aprofundados a respeito da significação das palavras, dentro dessa mesma comunidade, contribuirão para a descrição lexical da região.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi descrever e interpretar a linguagem presente na comunidade de Paranhos e apresentar os fenômenos linguísticos e extralinguísticos que condicionam ou influenciam a variação linguística presente na localidade, bem como apresentar alguns itens lexicais utilizados com grande frequência na comunidade estudada.

Os estudos seguiram a Teoria da Variação e Mudança Linguística, que identifica a língua como um sistema heterogêneo, dinâmico e mutável, de acordo com o seu uso na sociedade. Nesse grupo de falantes de Paranhos, observou-se que a linguagem está em constante variação, decorrente de fatores externos e internos. Essas variáveis são favoráveis, já que contribuem para a transformação da língua. Assim, segundo os resultados do cruzamento dos dados foi mapeada a fala dos moradores de Paranhos quanto aos processos fonético-fonológicos e semântico-lexicais.

Os objetivos propostos foram atingidos, pois, por meio desta pesquisa, foi possível verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam ou influenciam na variação fonética e lexical da fala dos moradores de Paranhos.

Quanto ao campo fonético, foram descritos cinco processos fonético-fonológicos: alçamento das pretônicas [e] e [o], vocalização do [l], rotacismo, monotongação e elisão. Pode-se dizer que a maior ocorrência variacional da fala foi o processo de alçamento das pretônicas médias altas [e] e [o] que obedecem à regra de harmonização vocálica, assimilando o traço de altura das vogais em posição de sílaba tônica, realizando-se como altas na variante. Os quatro demais processos também tiveram um índice de variação significativo. São eles: vocalização do [l]; rotacismo; elisão e monotongação. Nesse nível, foi constatado que os fatores linguísticos, no cruzamento com eles mesmos, influenciaram a variação, ficando as variáveis independentes com uma influência pouco significativa quanto à variação ou não da linguagem.

Em contrapartida, no aspecto semântico-lexical, as variáveis independentes tiveram um papel de maior preponderância. O fator social “escolaridade”, no cruzamento com os campos semânticos, teve alto índice percentual. Os informantes escolarizados assumiam um percentual de 93% da variação presente na fala,

enquanto os entrevistados sem nenhuma escolarização variaram apenas em 6% das ocorrências dos dados linguísticos. Entretanto, as variáveis independentes *sexo* e *faixa etária* foram de pouca relevância, visto que os índices percentuais foram praticamente equivalentes. Ainda nesse aspecto, foram descritos lexicalmente alguns vocábulos próprios da linguagem paranhense e qual conceito era próprio de cada palavra na fala dos entrevistados.

Nos estudos de Paranhos, há um desacordo em relação aos resultados sobre a influência do fator social gênero/sexo de Labov, citados na fundamentação teórica. Nos dois aspectos estudados o primeiro princípio não foi concretizado. As mulheres tiveram maior número de variações do que os homens em todos os fatores, com exceção da vocalização do [l] e da monotongação, contradizendo o princípio de que os homens variam mais do que as mulheres em sua fala. No segundo princípio, no entanto, os resultados casam com os de Labov; mesmo as mulheres tendo o maior percentual de variação, elas também tendem ao uso de formas prestigiadas em detrimento dos homens, implicando conseqüentemente no último princípio que diz que são elas que mais inovam quando as variações linguísticas privilegiam as formas prestigiadas.

Quanto aos outros fatores extralinguísticos, pode-se dizer que os informantes da segunda faixa-etária e não-escolarizados tiveram uma porcentagem maior de variação de que seus opositos, o que não pode ser considerado como fator condicionante, já que os próprios fatores linguísticos tiveram maior relevância.

Por fim, os estudos e a investigação realizados demonstraram a importância de se conhecer prévia e detalhadamente o ambiente linguístico e social da comunidade estudada, seus hábitos e costumes expressos por meio do sistema linguístico. Além disso, as aplicações dos procedimentos metodológicos apresentados revelaram-se importantes para os estudos sociolinguísticos realizados no Estado de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo - SP, 1999

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAYLON, Christian. *Sociolinguistique; société, langue et discours*. Poitiers, Nathan. 1991.304 p.

BIDERMAN, Maria. Tereza. Camargo. . *Teoria Lingüística. Teoria Lexical e Lingüística Computacional*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 1. 261 p.

_____ (Org.). *lexicologia e lexicografia*. 28. ed. São Paulo: EDUNESP, 1985. v. 1. 144 p

BISOL, Leda (org) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre, Edipucs, 2005.

_____ *Sândi externo: Degeminação e Elisão*. CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, CAMPINAS, v. 23, p. 83-101, 1992.

_____ *Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios*. 9. ed. São Paulo: Editor Contexto (9ª edição, março 2007, inclui áudio e Índice remissivo), 2007.v. 1. 275 p.

BRIGHT, William (editor)..*Sociolinguistics*.Janua Linguarum XX. The Hague: Mouton. 1966.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*.São Paulo: Paulistana,2007. 194 p.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2007.

CARVALHO, José. *Por uma política do ensino da língua*. Porto Alegre:editora mercado livre, 1988.

CAVALIERE, Ricardo. S. . *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005. v. 1. 255 p.

CESÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião; COSTA, Marcos Antonio. Org. MARTELOTTA, Mário. *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora contexto, 2008.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of Syntax*. Massachusetts : The MIT Press Cambridge, 1965.

CRISTÓFARO-SILVA, Taís. *Difusão Lexical: Estudo de Casos do Português Brasileiro*. In: Eliana Amarante de M. Mendes, Paulo Motta Oliveira e Veronika Benn-Ibler (org). Faculdade de Letras. Belo Horizonte. 209-218. 2001.

_____. *Revisitando a Aquisição dos Encontros Consonantais no Português Brasileiro*. Comunicação. ENAL 2003. Porto Alegre. 2003.

_____, T. ; ALMEIDA, L. . *On the nature of epenthetic vowels*. In: Leda Bisol; Cláudia Regina Brescancini. (Org.). *Contemporary Phonology in Brazil*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2008.

CONCEIÇÃO, Odaléa & BIANCHINI, Deniz. *A companhia Matte Laranjeira e a ocupação de terra do sul de mato grosso 1880-1940*. Campo Grande: UFMS, 2000.

CORREA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira: O sul de Mato Grosso 1870-1920*. Campo Grande: Editora UCDB, 1999.

FERREIRA, Vitória. *Considerações sobre o léxico*. In OLIVEIRA, D. P. (Org.) . ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. v. 620. 271 p.

FISHMANN, Joshua. Ed.) *Readings in the sociology of language*. New York: Mouton Publishers, the Hague. 1972.

GRESSLER, Lori, SWENSSON, Lauro J. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul*. Dourados. 1988.

GUY, Gregory Riordan & Zilles, Ana. *Sociolingüística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUIMARAES, Acyr Vaz. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande: Editora UCDB, 1999.

HOUAISS, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, *Dicionário de língua portuguesa 2000 on line*. www.uol.com.br, acessado dia 06/11/2008 e 03/12/2008.

KINDELL, Gloria Elaine. *Guia de análise fonológica*. Brasília-DF. Summer Institute of Linguistics. 1981

KLUNK, Patrícia. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivo aparente*. 2007. Porto Alegre - PUCRS. (dissertação de mestrado).

LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press. 344 pages. 08122076574. Location: Dallas SIL Library 427.9 L125so, 1972.

_____,. *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. *Language Variation and Change*, 2: 205-254. 1990.

_____. *The study of language in its social context*. In: _____. *Sociolinguistic Patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrimos o Brasil, 2002.

MAGALHAES, Luiz. *Mato Grosso do Sul Fazendas: uma memória fotográfica, livro II*. Campo Grande: Editora Alvorada, 2004

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve Painel Etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2002

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Fala, Letramento e Inclusão Social*. São Paulo: Contexto, 2007

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 168p.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro. A Variação Lingüística no Brasil. In: Claudia Roncarati, Jussara Abraço. (Org.). *Português Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008, v. 1, p. 93-100.

ROMAINE, Suzanne. *Language in society: an introduction to sociolinguistics*. London: Blackwell, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1987.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo : Ática, 1990.

_____. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: an introduction*. Great Britain: Penguin Books, 1979.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1994.

WEINRICH, Uriel. LABOV, William. HERZOG, Marvin. *Empirical foundations for a theory of language change*. In: LEHMANN; MALKIEL (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William. HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

Anexo 1: QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – ALMS - PARANHOS

1. Pai, mãe e filhos, que grupo formam ?
FAMÍLIA
2. Crescendo, a menina virá mulher. E o menino ?
HOMEM
3. O irmão de seu pai ou de sua mãe é seu ?
TIO
4. O pai de sua mulher é seu sogro. E o senhor, o que é dele? (para informante do sexo masculino) marido da senhora é o que do seu pai? (para informante do sexo feminino)
GENRO
5. O padrinho do filho fica sendo o...E a madrinha, a...
COMPADRE/COMADRE
6. Quem nasce no Brasil é brasileiro. E quem nasce na América do Norte (ou Estados Unidos)?
AMERICANO
7. Que profissional contratamos para defender nossos interesses na justiça?
ADVOGADO
8. Qual é a arma de fogo com uma peça que gira e se maneja com uma mão só?
REVÓLVER
9. Se não quer ser molestado, a gente diz: "Me deixa em..."
PAZ
10. Qual o contrário de pouco?
MUITO
11. Se não é verdade, então é...?
MENTIRA
12. contrário de ruim é...?
BOM
13. No inverno faz frio. E no verão?
CALOR
14. Como se chama a roupa que os homens usam para tomar banho de rio ou de mar?
CALÇÃO
15. Quando a água da chaleira fica quente de soltar fumaça, a gente diz que ela está...
FERVENDO
16. No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome têm elas?
CLARA E GEMA
17. A carne de porco não é magra porque tem...
GORDURA
18. que os papagaios fazem que nem a gente?
FALAM

19. Como se chama um bichinho que se arrasta bem devagar, deixando um rasto parecido com cuspe? (o parente do caramujo, que não tem caracol)
LESMA
20. Quanto tempo é uma semana?
DIAS
21. Como se chama o calendário onde a gente arranca uma página todos os dias? (Qual é o outro nome para calendário)
FOLHINHA
22. Qual o santo casamenteiro (que se festeja a 13 de junho)?
SANTO ANTÔNIO
23. Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz levando uma imagem de um ponto a outro?
PROCISSÃO
24. que se põe nas torres das igrejas e nos túmulos com está forma? (mímica)
CRUZ
25. Como se chamam aquelas aves de penas coloridas - amarelas, verdes, vermelhas e até azuis - que estão em extinção?
ARARA
26. Antes das plantas darem frutos, elas dão...
FLOR
27. Aquilo que a galinha bota é o quê? Duas galinhas botam dois...
OVOS
28. Inseto, com muitas perninhas, que faz uma rede, geralmente no telhado ou nas paredes das casas, para prender outros insetos?
ARANHA
29. A rede construída pela aranha, como se chama?
TEIA
30. Como se chamam aqueles bichichos que andam na cabeça das pessoas e dão um coceira danada?
PIOLHO
31. E aquela parte mole que as crianças têm na parte superior da cabeça?
MOLEIRA
32. E aquele pó branco que algumas pessoas têm na cabeça?
CASPA
33. Como se chama isto? (apontar)
TESTA
34. Para fazer pontaria nós temos que fechar um...Nós temos dois
OLHO/OLHOS
35. A gente ouve com os...
OUVIDOS
36. Como se chama o órgão que enche de ar quando a gente respira?

PULMÃO

37. Quando as pessoas estão nervosas, elas costumam roer as...
UNHAS

38. E esta parte? (mostrar)
JOELHO

39. Imitar o espirro e perguntar como se chama isso.
ESPIRRO

40. Como se chama esse som? (fazer o soluço)
SOLUÇO

41. homem que batiza uma criança fica sendo seu...
PADRINHO

42. E a mulher que batiza?
MADRINHA

43. E o objeto fino, de metal, que serve para costurar?
AGULHA

44. que se usa para tomar sopa?
COLHER

45. E para comer comidas secas, sem caldo?
GARFO

46. Para acender o fogo, o cigarro, as pessoas usam palitos de...
FÓSFORO

47. E a abertura na parede, feita para as pessoas passarem?
PORTA

Anexo 2 : QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL –ALMS – PARANHOS-MS**I. ASPECTOS GEOGRÁFICOS****1.FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS**

Rio pequeno e estreito, como se chama?

Córrego

O lugar onde a água sai da terra

Nascente

E aquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância?

Nevoeiro/cerração/neblina

Nas noites estreladas, como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu?

Estrela cadente

Como se chama aquela estrela grande que a gente vê até quando o dia está clareando

Estrela d'alva

E as listras coloridas que aparecem no céu depois da chuva?

arco-íris

Com se chama aquela roda que fica em volta da lua? O que ela significa?

Círculo da Lua

Que nome se dá a chuvinha miúda demora?

Garoa

E claridade breve, rápida que aparece no céu quando vai chover?

Relâmpago

E a chuva de verão que dá e passa logo?

Manga de chuva

E aquela chuva com vento forte, que pode derrubar até casas?

temporal

Como se chama aquele vento forte que vai girando e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

redemoinho

E aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?
orvalho

2) FLORA

Diga os nomes das árvores mais comuns aqui na região.
Frutíferas

E nome de uma fruta menor que a laranja e se destaca com a mão?
Mexerica

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?
Gêmeas

Qual a maior plantação da região
Erva mate

Qual o nome que se dá a um conjunto de árvores de erva-mate aglomerado numa determinada área?
Erval

.Qual a planta medicinal que adicionada à erva-mate traz benefícios ao sistema digestivo?
Boldo

Qual o nome do inseto que ataca a árvore da erva-mate, provocando a morte da planta?
Broca

3) FAUNA

E aquele pássaro que faz sua casinha de barro?
João-de-barro

O cavalo bem novinho, como se chama?
Potrilho

E o bezerro com mais de um ano e menos de dois?
Sobreano

Que nome se dá ao cavalo que tem as orelhas caídas?
Nambi

E um animal sem chifre?
Mocho

E aquele animal que nasceu e se criou no mato, sem nunca vir ao mangueiro?

Bagual

Peças que se colocam sobre o cavalo para montar nele?

Arreio

Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado?

Arriar

E aquele peixe pequeno que se parece com uma cobra?

Muçum

Como se chama aquele bicho que se parece que com o jacaré, mas é bem menor e gosta de comer ovos?

Lagarto

E aquele bichinho que gruda na pele da gente e vai chupando sangue e também gruda na pele dos animais?

Carrapato**II - HOMEM****4) CORPO**

Como se chama isto? (mostrar)

Pálpebras

E isto? (mostrar)

Sobrancelhas

E esse pelos aqui? (mostrar)

Cílios

E o caroço que os homens têm aqui? (mostrar)

Pomo de adão

E aquelas pregas que aparecem no rosto das pessoas idosas?

Rugas

Lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer?

útero

Como se chama a parte do corpo da mulher onde as crianças mamam?

Seio**5) DOENÇAS MAIS COMUNS**

Quais as doenças mais comuns na região?

E nas crianças?

Quando o umbigo da criança inflama e ela morre antes de completar sete dias, diz-se que morreu de quê?

Mal de sete dias

Quando a pessoa vai desmaiar, sente o quê?

vertigem

E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem?

diarréia

E a doença que é provocada pelo olhar das pessoas?

mau-olhado

Como se chama aquela tosse que demora tempo, meses para sarar?

Coqueluche

6) CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Como se chama quem só enxerga com um olho porque perdeu o outro?

Caolho (zarolho)

E o indivíduo que tem os olhos tortos, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro?

Vesgo (olho torto)

E a pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade?

Coxo/rengo

E quem tem o nariz muito grande?

Narigudo

7) CULTURA E CONVÍVIO

Como as pessoas costumam chamar os estrangeiros que vivem aqui?

gringo

E a pessoa que parece estar sempre irritada?

ranzinza

Uma criança que faz artes e mexe em tudo, como é chamada?

Traquina

E a mulher de vida fácil, que vende o corpo?

prostituta

E o homem casado que é enganado pela mulher?

chifrudo

Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está...

bêbado

Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?

sovina

O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?

dinheiro

8) CICLOS DA VIDA

Quando uma mulher está esperando filho diz-se que está...

Grávida

Que nome se dá àquele período após o parto em que a mulher fica de repouso?

resguardo

Quando a mãe não tem leite e outra pessoa amamenta a criança, como chamam essa mulher?

Ama de leite

E duas crianças que nascem no mesmo parto?

gêmeos

Como se chama uma criança de 5 a 10 anos do sexo masculino?

menino

Como se chama uma criança de 5 a 10 anos do sexo feminino?

menina

E a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

Xará

9) ALIMENTAÇÃO

Quantas refeições fazem por dia aqui?

Refeições (número)

O que vocês comem normalmente, todo dia?

Comidas de rotina

E nas festas, o que as pessoas gostam de oferecer aos convidados?

Comidas de festas

Antes de cozinhar o feijão, a cozinheira tem de separar as sujeirinhas, diz se então que ela vai...

Catar/ Escolher

Como se chama aquela vasilha pequena de barro que se guarda água para beber?

Moringa

Como se chama aquela raiz longa de casca marrom que se planta a rama e se come aferventada, cozida ou frita?

mandioca

Qual o nome daquela comida feita com carne e mandioca picadinhos e muito caldo?

caribéu

E aquela comida feita com carne seca, cortada em pedacinho de arroz?

Arroz carreteiro

E aquele bolo feito de fubá, com queijo ralado, cebola e óleo, que se costuma comer na Sexta-Feira-Santa?

Sopa paraguaia

E o nome daquele tipo de pão assado, feito com polvilho, queijo ralado e gordura?

chipa

Como se chama aquela bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? Que outros nomes se dá a essa bebida?

pinga

Como se chama aquela bebida refrescante feita com erva-mate e água gelada?

tereré

E se a bebida for feita de erva-mate e água quente?

Mate

Como se chama o recipiente em que se costuma tomar o tereré e o mate?

Cuia

Como se chama aquela comida que as pessoas levam para comer durante a viagem, geralmente os vaqueiros?

Matula

E aquele pedacinho fino e pontudo de madeira que finca nos dedos?

Felpa

10) VESTUÁRIO E OBJETOS DE USO PESSOAL

Roupa que os homens usam debaixo das calças.

cuecas

E aquilo que as pessoas costumam usar na cabeça pra se proteger do sol? Conhece outro nome?

chapéu

11) TRABALHO E ATIVIDADES AGROPASTORIAS

Como se chama o lugar onde se planta milho, arroz, soja?

roça

Que nome se dá à plantação de erva mate?

erval

Como se chama a pessoa que planta e colhe os produtos?

agricultor

Como se chama a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está?

capataz

12) BRINQUEDOS E DIVERSÕES

Relembrando sua infância, quais eram suas brincadeiras prediletas?

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas postas usado para atirar pedras em passarinhos?

Estilingue

Que nome se dá àquelas bolinhas de vidro com que as crianças gostam de brincar?

bolita

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha?

Pandorga

E a brincadeira que as crianças fazem riscando uns quadradinhos no chão. Vão tentando acertar uma pedrinha em cada quadradinho até chegar ao "céu"?

amarelinha

E o brinquedo que é feito de couro, com penas espetadas, que se joga com a palma da mão?

Peteca

Conte um fato que marcou a sua vida (narrativa)

Anexo 3: Lenda Sul-mato-grossense da erva – mate

Um soldado combatente da Retirada da Laguna, trôpego, enfermo, atacado pela cólera morbus, se desgarrou da tropa e perdeu-se na mata, entre o rio Apa e a região de Amambaí. Perambulou sem destino até os cantis sem fim e desconhecido.

Passou fome e sede. Comia o araticum de árvore, e do campo, saboreava o fruto farináceo do jatobá, chupava gostosas pitangas e guaviras dulçosas. Saciava a sede nos regatos cristalinos e sussurrantes das matas, ou alagadiços das várzeas.

Certa noite estafado, adormeceu e sonhou. Sonhou com São Gabriel e São Jorge guerreiro.

Em sonho, o São Jorge do cavalo branco da lua, lhe ordenou:

- Siga pela mata até um local de bonitas árvores, de folhas verde intenso, e suave odor. Aí na clareira próxima ao rio construa seu rancho, plante roça...

– Mas como vou viver isolado, na solidão? Perguntou o militar.

São Jorge o protetor dos guerreiros, acalmou-o e disse:

– Vá em frente. Deus não abandona o guerreiro que defende sua Pátria.

– Numa clareira da mata, quando o “corochiré - puitã” cantar ao pôr-do-sol e a noite o “urutau” soltar sua voz lúgubre chamando os espíritos desgarrados da noite, quando clarear a madrugada, encontrarás um rancho de palha, habitado por dois índios da tribo guarani. Um velho cacique Ixagne e sua filha Yari, de incomparável beleza. Diga-lhe ao chegar que vem da guerra e procura paz...

Assim aconteceu. Quando o Combatente da Guerra do Paraguai foi e aproximando o morador da choça lhe disse:

– Seja bem vindo homem branco às terras de nossa nação. Ficarás aqui o tempo que quiser. Foi à saudação.

– Sou de paz e agradeço a hospitalidade.

– Com as seguintes condições, respondeu o índio velho. Provarás a tua força, enfrentarás a serpente venenosa, o “jaguetê” sedento de sangue, ouvirás o ribombar do trovão e o rugir da tempestade. Plantarás a “maniva” do cupim, e a semente de abóbora, comerás a carne e beberás o sangue do tapir, construirás o teu rancho com a folha do “pendó”, comerás o peixe fígado com a tua flecha, mostrarás o potro selvagem e cavalgarás campo afora com a destreza dos Índios

Cavaleiros, os reis da campina, e aqui erigirás a nação dos Guaicurus. Casarás sob a benção de Tupã, com uma filha destas plagas. Yari amais bela de todas as virgens da tribo.

Nós já estávamos à espera do homem branco, pois o quero-quero por três vezes deu o aviso de sua chegada. Mas, por designo de Tupã, o hóspede branco, jamais se unirá em leito nupcial à virgem filha de Catin.

O homem branco, porém não deu nenhuma importância à advertência do cacique Perdidamente apaixonado, o hóspede casou-se com a virgem filha da selva, em presença de Santo Guerreiro, e do Arcanjo São Gabriel - enviado de Tupã.

Após o casamento houve um grande tremor de terra e o rebombar de trovoes - um aviso de Tupã. E a terra escureceu.

Quando o marido voltou a si estonteado pela tempestade e trovoes viu ao seu lado em vez da esposa - uma planta, viçosa e bela - a árvore da erva-mate: a Caa Yari.

Assim se cumpriu à profecia do velho cacique. Yari nasceria virgem e virgem morreria. Daí por diante Yari se tornaria uma duende ciumenta dos ervateiros, a Deusa protetora dos ervais.

Instituto Euvaldo Lodi - 1986
Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul - Campo Grande
(série histórica. Coletânea).

Anexo 4: ficha de localidade – Paranhos

Ficha da Localidade

Nome do lugar: Paranhos

Município: Paranhos

Distrito: Amambaí

Nomes anteriores:

Nome popular:

Nome dos habitantes do lugar: Paranhenses

Número de habitantes: 11.023, segundo censo 2007.

Camadas etárias predominante: camada social baixa

Caracterização étnica da população: branca e negra

Atividades econômicas predominantes: agricultura

Cidades mais próximas: Coronel Sapucaia

Meios de Comunicação: telefone, televisão, rádio, jornal

Meios de transporte: bicicleta, moto e carro

Emigração: Paraná e Rio Grande do Sul

Escolas:

Hospitais:

Turismo:

Data da fundação do lugar: 17 de novembro de 1987

Outras informações:

Anexo 5: ficha do informante – Paranhos**FICHA DO INFORMANTE****1- DADOS DO INFORMANTE****Dados Pessoais**

Nome:

Apelido:

Local de nascimento:

Sexo:

Estado civil:

Profissão:

Idade:

Grau de Instrução:

Analfabeto ()

Fundamental Incompleta ()

Instrução Rudimentar ()

Fundamental Completo ()

Domicílio

Endereço atual:

Morou sempre em:

Até aos

morou em:

Dos anos até o momento reside em

Viagens

No estado de MS:

Fora do estado de MS:

Serviço Militar

Prestou em:

no ano de:

Contatos Lingüísticos**2- DADOS DOS PAIS E DO CÔNJUGE**

Naturalidade do pai:

Naturalidade da mãe:

Naturalidade do cônjuge:

3- DADOS DO INQUÉRITO

Local:

Data:

Inquiridor:

4- OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Anexo 6: fotos Paranhos e informantes

FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, igreja católica central, setembro de 2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, casa de um informante, setembro de 2008



FONTE: Beatrice G.A.M.de Oliveira, pé de erva-mate, setembro de 2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, fazenda do informante Orides Ratier, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, casas da comunidade de Paranhos, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, construções de novas casas, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, vias de circulação de Paranhos, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, moradora mais antiga de Paranhos, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, entrevistado segunda faixa etária, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, entrevistado segunda faixa etária, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, entrevistada segunda faixa etária, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, entrevistados primeira faixa etária, setembro/2008



FONTE: Beatrice G.A.M. de Oliveira, entrevistado primeira faixa etária, setembro/2008